

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LILIAN DUARTE

**LAÇOS E GERAÇÕES:
UM ESTUDO SOBRE VELHOS (AS) DE SANTA MARIA/RS
E SUA CONDIÇÃO DE SUJEITO**

**SÃO LEOPOLDO/RS
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LILIAN DUARTE

**LAÇOS E GERAÇÕES:
UM ESTUDO SOBRE VELHOS (AS) DE SANTA MARIA/RS
E SUA CONDIÇÃO DE SUJEITO**

**Dissertação apresentada à Universidade do
Vale do Rio dos Sinos como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre
em Ciências Sociais.**

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ ROGÉRIO LOPES

SÃO LEOPOLDO/RS

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Duarte, Lílian de Oliveira.

Laços e gerações [manuscrito]: um estudo sobre velhos (as) de Santa Maria/ RS e sua condição de sujeito / por Lilian de Oliveira Duarte. São Leopoldo, 2008.

81 fls.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Mestrado em Ciências Sociais, 2008.

"Orientação: Prof.º Drº José Rogério Lopes "

1. Ciências Sociais 2. Condições Sociais 3. Idosos 4. Velhos 5. Envelhecimento 6. Subjetividade do Idoso 7. Modernidade 8. Sujeito 9. Políticas Públicas 10. Aposentadoria 11. Santa Maria/RS I. Título II. Lopes, José Rogério

CDD 362.6042

CDU 316-053.9

Bibliotecária Responsável
Marialva M. Weber CRB 10/995.

**LAÇOS E GERAÇÕES:
UM ESTUDO SOBRE VELHOS (AS) DE SANTA MARIA/ RS
E SUA CONDIÇÃO DE SUJEITO**

**Dissertação apresentada à Universidade do
Vale do Rio dos Sinos como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre
em Ciências Sociais.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Rogério Lopes – UNISINOS (Orientador) _____

**Prof. Dr. Héctor Omar Ardans-Bonifacino – UFSM (Co-orientador)
_____**

Profa. Dra. Marília Veríssimo Veronese – UNISINOS _____

AGRADECIMENTOS

A Deus e à família: meus pais, Rui e Antonieta Duarte, meu irmão Gustavo e minha adorável filha Helena.

Em especial, à Coordenação do Fundo Loyola – UNISINOS que me concedeu a bolsa para custear o Curso de Mestrado em Ciências Sociais.

À Cara Prof^a. Dr^a. Sônia Lenhard Bredemeier, pela comunhão e apreço pelo estudo do envelhecimento humano.

Com muita gratidão, ao meu Orientador Prof^o Dr. José Rogério Lopes, pelo acompanhamento e rigor científico no processo de construção e amadurecimento deste trabalho.

Ao Co-Orientador, Prof^o Dr. Héctor Omar Ardans-Bonifacino, o meu especial agradecimento pela parceria e conhecimentos compartilhados.

Agradeço aos professores do PPGCS, colegas e demais funcionários, especialmente, à Maristela Simon.

À comunidade de Santa Maria/RS; aos (às) velhos (as) que colaboraram nesta pesquisa, principalmente aos Grupos Cabelos de Prata e Mexe Coração.

“A transmissão tanto diz respeito ao passado mais longínquo, que pode mesmo ser mitológico, quanto ao passado mais recente, à experiência do dia-a-dia. Ela se refere ao legado dos antepassados e também à comunicação da ocorrência próxima no tempo; tanto veicula noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pode inclusive ser o agente daquilo que está relatando quanto transmite noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta, e também antigas tradições do grupo ou da coletividade.” M. I. P. de QUEIROZ (*apud* Simson, 1988, p.18).

RESUMO

Neste trabalho apresenta-se um estudo empírico sobre a condição atual de velhos (as) da cidade de Santa Maria/RS, compondo uma análise que perpassa os temas do envelhecimento e da velhice, através da consideração dos papéis sociais no cotidiano, das relações no âmbito da família e da intergeracionalidade, da vida após o trabalho e, finalmente, da condição de sujeito dos (as) velhos (as) na contemporaneidade. Tal condição foi abordada a partir de duas perspectivas: a de sujeito às determinações sociais (perspectiva sociológica) e a de sujeito de experiência (perspectiva psicossocial). A partir de um levantamento inicial de informações (anexo I) a respeito da situação social dos (as) velhos (as) em Santa Maria/RS, buscou-se, através de entrevistas e relatos de histórias de vida (anexo II) e posterior análise, identificar e compreender a amplitude e a complexidade das situações vivenciadas no cotidiano do ser velho (a): a noção desta população sobre o que é, para eles (as), ser velho (a) e a relação enfática que os sujeitos estabelecem com qualidade de vida e saúde, com as relações familiares; suas memórias; as influências da modernidade; seus espaços de sociabilidade, particularmente de lazer, seus sonhos e realizações, as possibilidades de reflexividade emergentes de suas vidas, a partir das expressões dos sujeitos a respeito de, entre outras, liberdade, responsabilidade e felicidade. A principal conclusão do trabalho pode ser formulada da seguinte maneira: as políticas públicas ainda não conseguem oferecer condições de vida cuja existência dos (as) velhos (as) possa apresentar características que propiciem longevidade e dignidade, independentemente das singularidades de vida a que se teve acesso.

Palavras-chave

velho (a) – modernidade – sujeito

ABSTRACT

In this research it presents an empirical study on the present condition of the elderly of the city of Santa Maria/ RS, as being part of an analysis that passes by the topics of the aging process through consideration of daily social roles, the relations in the family environment and intergenerational, of life after work and, finally, the subject's condition of the elderly in the contemporaneity. That circumstance was approached through two perspectives: the subject under the social determinations (Sociological perspective) and the subject of experience (Social psychology perspective). Starting with an initial collection of information (appendix I) referring to the social situation of the elderly in Santa Maria, RS, it has searched for, through interviews and life story speech (appendix II) and later analysis, identifying and understanding the amplitude and the complexity of everyday living situations of being elderly: the notion of that population about what is, for them, to be old and the emphatic relation that the subjects establish with quality of life and health, with kinship; their memories; the influences of modernity, their spaces of sociability, particularly leisure, their dreams and realization, the possibilities of the emerging of reflexivity of their lives, in accordance with the subjects expressions concerned about, among others, freedom, responsibility and happiness. The main conclusion of this study can be formulated from the following view: public policies still can not provide life conditions so that the elderly existences can show characteristics which offer longevity and dignity, independently of the lives singularities that it had access.

Key words

elderly – modernity – subject

SUMÁRIO

| | |
|--|------|
| 1. INTRODUÇÃO. | |
| 1.1 Objeto e objetivos da pesquisa..... | 10 |
| 1.2 Justificativa | 11 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO | |
| 2.1 O Envelhecimento | 15 |
| 2.2 O exercício dos papéis sociais e o cotidiano..... | 20 |
| 2.3 Contextualizando a família hoje..... | 24 |
| 2.4 Relações intergeracionais do(a) velho(a)..... | 28 |
| 2.5 Aposentadoria: uma fase de transição social..... | 31 |
| 2.6 Uma introdução à problemática do sujeito e da subjetividade do(a) velho(a)..... | 33 |
| 3. SANTA MARIA: condicionantes histórico-sociais e a condição atual do(a) velho(a) | 39 |
| 4. METODOLOGIA DA PESQUISA | 43 |
| 5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO MATERIAL DA PESQUISA..... | 48 |
| 6. CONCLUSÕES..... | 73 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 78 |
| Anexo I – Levantamento de informações sobre os(as) idosos(as) de Santa Maria/ RS | 1/15 |
| Anexo II – Entrevistas | 1/37 |

1. INTRODUÇÃO

1.1 OBJETO E OBJETIVOS DA PESQUISA

A pesquisa que ora se apresenta intitula-se “**Laços e gerações: um estudo sobre velhos (as)** ¹ **de Santa Maria/RS e sua condição de sujeito**”. Além do interesse acadêmico, a escolha da temática, pela autora deste trabalho, é fruto do apreço que se tem pelo estudo do envelhecimento humano e a velhice, relacionado ao nosso histórico de vida e desenvolvimento individual, familiar e social, inerentes a experiências cotidianas vivenciadas.

O interesse para com este tema de estudo e pesquisa nasceu, no período entre 2000 e 2003, durante o curso de Serviço Social do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA - através de atividades diversas, dentre elas, aulas expositivo-dialogadas, trabalhos em grupo, conferências e seminários, elaboração de artigos e atividades extracurriculares, bem como participações em reuniões do Conselho Municipal de Idosos (COMID) e acompanhamento ao Grupo Mexe Coração do NIEATI/CEFD - UFSM - Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Posteriormente, atuando como profissional do Serviço Social em atividades correlatas à Assistência Social, junto aos (às) velhos (as) do Grupo Reviver, realizou-se a revisão do Benefício de Prestação Continuada – (BPC) com visitas domiciliares à aproximadamente noventa pessoas cadastradas no Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS e na realização de Perícias Sociais Judiciais de Interdição a pessoas asiladas e domiciliadas, no decorrer do ano de 2004, na cidade de Quaraí/RS, onde ocorreu minha experiência profissional.

¹ Diversas denominações são utilizadas para a população objeto da pesquisa, dentre elas: idosos, adultos maiores, terceira idade, melhor idade, adultos *seniores*, gerontes, etc. Optou-se, seguindo a Ecléa Bosi, pelo termo “velho (a)”. Ainda, compartilha-se das seguintes expressões da autora: “Nosso interesse está *no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. O principal esteio do meu método de abordagem de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada no sujeito.” (Bosi, 1987, p. 1-2, grifo da autora).

A partir de um olhar que procura contemplar a questão do envelhecimento humano, o que nos instiga é a busca de compreensão da diversidade, da complexidade e das particularidades que envolvem a sua discussão.

De outro lado, na atualidade, pergunta-se: Qual a condição do (a) velho (a), na vida privada e na esfera pública, no sentido de quais espaços o (a) velho (a) ocupa, e qual o papel social que as demais gerações lhe atribuem? Ainda, de que modo ele se apresenta enquanto sujeito?

Sob este enfoque, apresenta-se neste estudo sobre o processo do envelhecimento, um painel da situação do vivido do (a) velho (a) em família, no âmbito da intergeracionalidade, no exercício de papéis e no espaço público, bem como reflexões, a partir do resultado das entrevistas realizadas, acerca do (a) velho (a) enquanto sujeito.

Para tanto, a presente pesquisa baseou-se, metodologicamente, em pesquisa qualitativa, através de entrevistas (transcrição das entrevistas no anexo II), muitas delas realizadas em visitas ao domicílio dos (as) velhos (as), moradores no município de Santa Maria /RS, realizadas pela pesquisadora. Cabe assinalar que previamente foi realizado um levantamento de informações (anexo I) a respeito de espaços públicos nos quais a problemática da velhice é considerada.

Se o *objeto da pesquisa* é a velhice, seus *objetivos*, no entanto, são: investigar o papel/status do (a) velho (a) na vida privada, na atualidade; averiguar como se dão as relações de intergeracionalidade na família do (a) velho (a) (a); identificar o papel do (a) velho (a) no espaço público e, finalmente, investigar de que modo o (a) velho (a) assume a sua condição de sujeito.

1.2 JUSTIFICATIVA

Cada vez mais, em diferentes instâncias da vida social, universitária e pública, discute-se o envelhecimento humano. Em virtude do novo desenho populacional que está sendo delineado - o crescimento considerável do contingente de indivíduos com mais de 60 anos - da busca de uma melhor qualidade de vida e das trocas e confrontos intergeracionais que estamos

vivenciando, é necessário que, cada vez mais, se desenvolvam iniciativas e ações vinculadas às políticas públicas de atendimento e de pesquisa acerca desta população.

Busca-se desvelar e compreender as relações e fenômenos relativos a esta nova realidade social, potencializando ações de inclusão social deste segmento. Em decorrência, procura-se evidenciar a posição do (a) velho (a) em relação às gerações mais novas, enquanto sujeito que interage significativamente no cotidiano.

Nesse contexto, o Serviço Social como área de conhecimento, campo de investigação e prática profissional, ao trabalhar com paradigmas da Assistência Social, Educação e Saúde, cada vez mais se interessa em desenvolver um trabalho aprofundado e embasado em relação à população idosa e suas reais necessidades. Dessa forma, a interface com as Ciências Sociais e a Psicologia social torna-se imprescindível.

Netto (2005), afirma que começamos a envelhecer no dia em que nascemos, e que idade mede-se não tanto pelo número de anos que se tem, mas pelo modo como a pessoa se sente, como vive, como se relaciona com a vida e com os outros.

Assim, de acordo com a constatação de NETTO (2005), a respeito da noção de idade, Lenoir (*apud* MERLLIÉ, 1996) considera que a categoria idade é caracterizada como *noção social*, designada em número de anos, estabelecida como critério de classificação, comparação e divisão para com os membros do grupo social. O autor esclarece ainda, que as divisões aritméticas da *escala das idades* podem vir a ser *categorias nominais*, como: os velhos, os jovens, os adolescentes sem designar grupos definidos nesses termos.

Sobre esta linha de pensamento, HALBWACHS (2006) já observara que tais grupos não podem ter consistência, pois, por definição, os indivíduos limitam-se a passar por estas fases; nesse caso, tais grupos não poderiam, a rigor, ser definidos em termos de idade. Sobretudo, como entende o autor,

“Segundo a época, os costumes, as instituições e a própria composição da população, damos mais ou menos importância a esta característica; sendo assim, a juventude, a idade adulta e a velhice são definidas pela opinião de forma bastante diferentes” (p.115).

E acrescenta:

“Outrora, um europeu de 50 anos julgava-se jovem para iniciar sua vida de negócios na América, enquanto em nossos países as pessoas com essa idade retiravam-se do comércio ou se aposentavam” (p.115).

Dessa perspectiva, além da imagem de uma velhice saudável, excessivamente explorada pela mídia, o (a) velho (a), em sua vida privada, é merecedor de um olhar mais preciso em relação à sua maneira de ser e estar no, e ver o, mundo. É fundamental conhecer esta realidade para melhor interpretar as condições que permeiam o convívio dos velhos, ou seja, o que se evidencia nas relações entre diferentes gerações, integração e segregação espacial.

Como pano de fundo, salienta-se que segundo estimativas da OMS, em 2020, o Brasil será o quinto país com maior número de velhos do mundo, em números absolutos (EIZIRIK & CANDIAGO, 2001). Assim sendo, trata-se, segundo NERI (1991), de lidar com as dificuldades existentes na área de pesquisa teórica, muito segmentada e freqüentemente acrítica; estas foram aumentadas pelo fato de o discurso da Gerontologia referir-se predominantemente à velhice como “problema”, “questão social”, ou “doença”, e às atitudes negativas em relação à velhice como um importante determinante da situação do (a) velho (a). Por outro lado, a pesquisa sobre o assunto no Brasil é extremamente escassa. Os dados estrangeiros, embora abundantes, são conflitantes, dadas às próprias características da área, e de todo modo não são diretamente generalizáveis para a realidade brasileira (NERI, 1991).

Ao justificar o presente tema, evidenciam-se essenciais particularidades, tal como afirma Myriam Lins e Barros, quem aponta (na sobrecapa de seu livro) que,

“A questão das gerações está intimamente ligada às mudanças sociais. Compreender como essas transformações afetam indivíduos e segmentos sociais e como são percebidos por eles é fundamental para debater esta questão. Família, parentesco, juventude, velhice e políticas sociais são o caminho para esse debate” (Barros, 2006).

Encerrando esta introdução, colocam-se novamente os questionamentos que orientam o trabalho. O *objeto da pesquisa* é a velhice, seus *objetivos*, no entanto, é investigar o papel/status do (a) velho (a) na vida privada, na atualidade; averiguar como se dão as relações de intergeracionalidade na

família do (a) velho (a); identificar o papel do (a) velho (a) no espaço público e, finalmente, investigar de que modo o (a) velho (a) assume a sua condição de sujeito.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Envelhecimento

Na trajetória da vida, o ser humano percorre a trilha do envelhecimento que, embora se levando em conta seu caráter universal, pode variar de indivíduo para indivíduo. Suas diferenças bio-psico-sociais podem estar determinadas geneticamente e/ou pelo seu estilo de vida no percurso de sua existência. Portanto, discutir o envelhecimento humano, requer que se considerem aspectos biológicos, demográficos, psicológicos e sociais.

De acordo com as estimativas da OMS (Organização Mundial de Saúde), fica estabelecida a classificação oficial, por critério de idade: 30 a 45 anos – adulto jovem; – 40 a 60 – velhice; – 60 a 90 – ancião. Nesse sentido, o Relatório Popular do Conselho Estadual do Idoso de Porto Alegre (1997) diferencia velho (a) no Brasil em relação à velhice mundial, para: 60 anos – países em desenvolvimento; 65 anos países desenvolvidos.

A passagem do tempo pode caracterizar o (a) velho (a) por duas situações diferentes em relação aos mais jovens: enquanto riqueza de experiências, assentada em valores e cultura construídos através de sua história de vida, ou então, pode se apresentar como portador de limitações orgânicas e biológicas. Entretanto, o (a) velho (a) não pode ser considerado, apenas, um ser decadente, pois na inter-relação entre essas duas dimensões pode existir um certo equilíbrio caracterizando perdas e ganhos com a velhice.

Vieira (1996) faz algumas considerações a respeito do envelhecimento psicológico, caracterizado por um aumento na exatidão da percepção e diminuição de sua rapidez, por uma diminuição da memória mecânica e aumento da habilidade para desenvolver trabalhos que exijam paciência, assim como apresenta, geralmente, um aumento da ponderação e espiritualidade.

Portanto, torna-se importante compreender o envelhecimento humano em todas as suas particularidades e interligações, onde efetivamente através de preparações e adaptações, pode-se vivenciá-lo como mais uma etapa no ciclo da vida, e não apenas como um mero portador de fragilidades, de decadência humana.

Um dos principais problemas enfrentados na velhice é a discriminação, seja na vida social pública e até mesmo das próprias famílias envolvidas nesse processo. O sistema e a cultura influem decididamente nessas questões, uma vez que, numa sociedade capitalista e excludente, o (a) velho (a) é visto como improdutivo, aparentemente sem função e ultrapassado em suas atividades e contribuições à sociedade. É preciso uma releitura da imagem e função da velhice, embora, desde a Antigüidade ela tenha sido vista como o fim de toda uma existência, como decadência e até comparada à figura e imagem de um inverno frio, sombrio e improdutivo. Afirma o autor que envelhecer é uma propriedade particular, com vivências específicas que não reduzem à responsabilidade de vida ativa no processo social, pois, mesmo velho (a), o indivíduo continua membro da humanidade. Defende a idéia de que a imagem estereotipada da velhice deva ser substituída por representações mais positivas e saudáveis (VIEIRA, 1996).

As relações sociais com o (a) velho (a) podem se dar de diferentes formas, segundo tradições e características culturais. Porém, a literatura consultada sugere que uma atenção e preocupação maior poderiam e deveriam ser destinadas ao (a) velho (a), tanto nas relações interpessoais quanto aos planejamentos de projetos vinculados às políticas públicas. Para tanto, alguns autores que tratam acerca do processo do envelhecimento, têm alertado para questões mais amplas em relação à imagem negativa que o (a) velho (a) recebe em função de preconceitos e discriminações impostas pela sociedade capitalista atual (DIAS, 2004).

Como se sabe, na sociedade industrial moderna na qual é necessário produzir para satisfazer o consumo, o (a) velho (a) parece estar tão fora do mercado quanto o está da produção. São esquecidos, não é um *bom negócio* para o mercado investir em estratégias de produção e, até agora, de consumo que não ofereçam retorno satisfatório. Desse modo, as ofertas de mercado para o segmento da denominada *terceira idade* ainda são pouco exploradas, talvez porque a indústria e os grandes grupos financeiros, não tenham percebido a potencialidade de consumo desse setor do mercado, ou talvez, ainda, porque frente ao enorme contingente de consumidores idosos, estimular o consumo implicaria supor que o (a) velho (a) dispõe de renda suficiente para isso, o que, na maioria dos casos, não se verifica.

Como resultado dessa situação, a sociedade brasileira ainda está carente de programas preventivos para as questões do envelhecimento e de serviços que tratem adequadamente os problemas do (a) velho (a) sob o ponto de vista bio-psico-social, econômico e político, isto é, o envelhecimento populacional torna-se um problema à medida que a sociedade ainda não está preparada para assimilar o contingente de velhos (as) que cresce a cada dia. É preciso pôr em prática a Política Nacional do (a) velho (a) – PNI - necessário à consolidação dos direitos do (a) cidadão (ã) velho (a).

Faz-se oportuno lembrar o que se preconiza na Lei Nº 10.741 de outubro de 2003 do Estatuto do Idoso, no Art. 2 das disposições preliminares:

“O (a) idoso (a) goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para a preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (p. 03).

Baseando-se nas prerrogativas da lei, percebe-se que todo cidadão almeja (em uma perspectiva jurídica do conceito de sujeito) ser *sujeito de direitos* e que se favoreça o exercício da cidadania e de uma democracia mais justa para todos os segmentos sociais, devendo ser privilegiados os processos de inclusão sobre os de exclusão social. Para dar conta dessa demanda, autores como NETTO (2005) e NERI & FREIRE (2000) questionam-se e posicionam-se da seguinte forma: a cidadania como direito natural existiu nas sociedades greco-romana e feudal, sociedades aristocráticas, que privilegiavam direitos restritos a determinadas classes ou grupos sociais. Assim, pode-se demarcar a luta pela conquista, ampliação e defesa da cidadania como um movimento crescente no decorrer da história, na luta pela ampliação de direitos do ser humano. Para o exercício do ser cidadão, aponta-se para a construção na luta cotidiana da sociedade civil, da articulação de forças de direitos sociais do individual e do coletivo, que darão suporte e vigor à democracia (NETTO, 2005).

Se de um lado, as afirmações de Netto confirmam o espaço de cidadania do (a) velho (a), por outro lado, é oportuno evidenciar que estudos na área da Gerontologia têm sido realizados (NERI & FREIRE, 2000) a fim de identificar e compreender as mudanças necessárias, tanto no que se pensa sobre o envelhecimento quanto na maneira como tratamos os velhos. No

entanto, por esta ser uma área nova de investigação, e pelo fato de haver sido constatado o aumento da população idosa, até os especialistas têm dúvidas e incertezas sobre como e o que fazer diante de tantas mudanças – o que faz aumentar as controvérsias entre os profissionais e a insegurança das pessoas em geral. Ainda há muitos aspectos a serem investigados, para que desenvolvam políticas e programas adequados às necessidades do (a) velho (a) – projetos que sejam viáveis neste tempo de mudanças aceleradas.

Quanto às terminologias adotadas em relação ao envelhecimento, NERI (2001) descreve que a palavra *gerontologia* foi usada pela primeira vez em 1903 por Metchnicoff que a compôs a partir do grego, em que *gero* significa velho, e *logia*, estudo. A Gerontologia também comporta interfaces com diferentes áreas profissionais das quais se derivam soluções para problemas individuais e sociais, novas tecnologias, evidências e hipóteses para a pesquisa.

São temas importantes nesse campo: atitudes em relação à velhice, práticas e políticas sociais, formas de gestão da velhice pelas instituições sociais e pelas organizações governamentais e não-governamentais, índices de bem-estar das populações idosas, redes de suporte social e relações intergeracionais (NERI, 2001).

No vínculo (através dos papéis exercidos) entre os indivíduos, sejam estes cônjuges, parentes, amigos ou vizinhos, o laço de afetividade nas relações sociais é um dos fatores responsáveis pela satisfação de pelo menos algumas das necessidades dos seus integrantes. Recebe-se suporte emocional, ajuda material e contatos sociais com o meio, mantendo-se a própria identidade social. O fato de muitos (as) velhos (as) morarem sozinhos, não desqualifica as suas relações afetivas, que existem e são o suporte de sua vida cotidiana.

Os (as) velhos (as) que participaram, de alguma forma, de atividade social diminuiram pela metade o risco de institucionalização, ao passo que viver só aumenta a probabilidade de institucionalização. Constata-se que o suporte emocional recebido por familiares e amigos é capaz de fornecer subsídios positivos para a sobrevivência e longevidade do geronte². Aquele (a)

² Em seu livro “Palavras-chave em gerontologia”, NERI (2001) estabelece que *geronte* remete a indivíduos com mais de 65 anos; pessoa idosa; adultos-maiores; terceira-idade; melhor-idade.

velho (a) que vive em interação com o meio, mantendo relações de reciprocidade, tem mais probabilidades de alcançar longevidade e está mais predisposto a uma maior sobrevivência.

Acompanhando a tomada de consciência sobre o fenômeno do envelhecimento populacional, NERI (2001) afirma, com base nas tradições teóricas da sociologia, que, desde 1950, são elaboradas teorias que representam uma contribuição importante ao processo de construção social da velhice em todo o mundo.

Sob este enfoque, as teorias clássicas sobre o envelhecimento datam de cerca de 40 anos, quando a realidade sócio-demográfica era diferente, mesmo nos países desenvolvidos. À época de sua constituição, acreditava-se no poder explicativo de grandes teorias sobre o envelhecimento, crença derrotada pelo desenvolvimento subsequente da gerontologia social, hoje caracterizada pela presença de várias microteorias.

De acordo com Debert (*apud* NERI 1999), pode-se afirmar que até a década de 1960, duas grandes teorias dominavam os enfoques no interior do campo da Gerontologia Social. A teoria da atividade e a teoria do afastamento ou desengajamento. Para ambas, a velhice é definida como um momento de perda de papéis sociais e tratam de entender, nos dois casos, como se dá o ajustamento pessoal a essa situação definida como de *perda*, e medir o grau de conformidade e o nível de atividade do (a) velho (a).

Néri (2001) aponta como foco da teoria da atividade a substituição de papéis por intermédio de atividades desenvolvidas em contextos permitidos ao (à) velho (a), como, por exemplo, o lazer, a educação informal e o trabalho voluntário. Em contraponto a esta, a teoria do desengajamento, afirma que ocorre um afastamento universal, inevitável, mutuamente consentido pelo (a) velho (a) e pela sociedade e funcional para ambas as partes envolvidas.

Aliando-se ao fenômeno de um envelhecimento saudável em sociedade, pontua-se a relação com a geratividade³, ou seja, o exercício dos papéis dos

³ O conceito de *geratividade* foi estabelecido por Erikson em 1963 e se refere à motivação e ao envolvimento com continuidade e bem-estar de indivíduos particulares, de grupos humanos, da sociedade de modo geral e de toda Humanidade. Sua origem é “uma necessidade interna de garantir a própria imortalidade, de ser necessário e de passar o bastão para a geração seguinte, tanto no sentido biológico quanto cultural” (Neri, 2001, p. 145). Juntamente com os conceitos de *integridade* e de *envolvimento*, a geratividade é um tema central ao desenvolvimento na vida adulta e na velhice.

seres humanos em sua maturidade, isto é, cuidar dos filhos e do âmbito familiar no sentido de deixar o seu legado como educador e orientador, ser participativo em comunidade e, num sentido geral, ser útil à humanidade através dos três elementos das ações gerativas: criação (indivíduos, coisas, ações – no sentido biológico e sociocultural); manutenção (responsabilizar-se, cuidar, amar) e oferta (transmissão de valores, ensino, aconselhamento).

Dentre as demais considerações que circundam o fenômeno do envelhecimento humano, entende-se que envelhecer nas condições atuais, mais que uma dádiva da vida, define-se como um desafio, tanto para o (a) velho (a) quanto para a família e a sociedade.

A discussão remete-nos a novas perspectivas de valorização do (a) velho (a), abrindo-se horizontes de realizações concretas no que se refere ao vínculo familiar e à participação social e em programas sócio-assistenciais.

2.2 O Exercício dos Papéis Sociais e o cotidiano

Segundo BERGER & LUCKMANN (1998), os papéis sociais representam a ordem institucional:

As origens de qualquer ordem institucional consistem na tipificação dos desempenhos de um indivíduo e dos outros. Isto implica que o primeiro tem em comum com os outros, finalidades específicas e fases entrelaçadas de desempenho. Os papéis representam a ordem institucional. Dizer, por conseguinte, que os papéis representam as instituições, é dizer que os papéis tornam possível a existência das instituições continuamente, como real na experiência de indivíduos vivos (p.104).

A construção das tipologias dos papéis é, em verdade, o exercício de funções características de um modelo de instituição. O grupo, ao conviver em sua estrutura, é legitimado a exercer autoridade de conduta para o conjunto de seus atores, no sentido de atribuir aos papéis exercidos, pilares que os sustentam (normas e valores), em interface com o mundo social. MAGALHÃES (1989) entende que

“em conseqüência, os papéis e as relações internas do grupo dependem das relações mantidas com a sociedade, com suas características econômicas, sócio-culturais e políticas” (p.71).

Esta não-dissociação dos papéis com as instituições está legitimada na ordem institucional existente, comum à coletividade dos atores sociais. É através

da interiorização dos papéis sociais, incorporados pelos atores a sua subjetividade, que suas relações com o mundo tornam-se reais e participativas.

Há de se lembrar que, para além desta conciliação “natural” na troca de saberes, as relações sociais (no interjogo de papéis sociais) podem ser conflitantes, sendo estas, ainda mais agudas pelo chamado *choque entre gerações*. No caso, institucionalizar ou assimilar padrões, julgar ou estar subjugado, assumir ou perder um papel, torna-se um jogo de perdas e ganhos no ciclo da vida e no âmbito familiar.

Como já foi referido anteriormente a respeito da existência dos papéis para a ordem institucional, há também o que se pode denominar como hierarquização de papéis. BERGER & LUCKMANN (1988) descrevem que:

Todos os papéis representam a ordem institucional. Alguns papéis, contudo, representam simbolicamente esta ordem em sua totalidade mais do que outros. Tais papéis têm grande importância estratégica na sociedade, uma vez que representam não somente esta ou aquela instituição, mas a integração de todas as instituições em um mundo dotado de sentido. *Ipsa facto*, naturalmente, estes papéis ajudam a manter esta integração na consciência e na conduta dos membros da sociedade, isto é, têm uma relação especial com o aparelho legitimador da sociedade (p.106).

De acordo com os autores, é pertinente entender que a representação simbólica dos papéis está associada, no que tange à família, ao desempenho das funções de cada membro do núcleo familiar. Contudo, o universo familiar remodelou-se com características próprias inerentes às transformações do mundo moderno e, conseqüentemente, suscetível a uma redefinição de papéis sociais: divórcio, viuvez e a condição de mulheres-mães que não possuem companheiro, ocasionaram, por exemplo, o que foi denominado de re-arranjos familiares, onde os domicílios que eram chefiados pelo pai, passam para a autoridade da mulher como provedora do sustento doméstico. Entretanto, muitas vezes cabe ao (à) velho (a), uma grande parcela de atribuições financeiras, a partir dos rendimentos de sua aposentadoria, na vida financeira de seus lares.

A sociedade atual, com suas mutações institucionais, precisa reavaliar seus conceitos no que tange o fenômeno do envelhecimento, pelo fato de que a população mundial “está envelhecendo”, evidenciando lacunas em suas estruturas.

Evidencia-se a importância do estudo dos papéis sociais por BERGER & LUCKMANN (1988):

“A análise dos papéis tem particular importância para a sociologia do conhecimento porque revela as mediações existentes entre universos macroscópicos de significação, objetivados por uma sociedade, e os modos pelos quais estes universos são subjetivamente reais para os indivíduos. Assim, é possível, por exemplo, analisar as raízes sociais macroscópicas de uma concepção religiosa do mundo em certas coletividades, classes, grupos étnicos ou rodas intelectuais, e também analisar a maneira em que esta concepção do mundo manifesta-se na consciência de um indivíduo. As duas análises só podem ser efetuadas juntas somente se indagarmos dos modos pelos quais o indivíduo, em sua atividade social total, se relaciona com a coletividade em questão” (p.109).

Por outro lado, tornam-se pertinente introduzir também as contribuições de Durkheim, Marx e Gramsci, como aportes para elucidar as várias formas de entender a unidade familiar e os papéis sociais que nela se concretizam. Num primeiro momento, através das concepções marxiana e gramsciana, pode-se entender que o exercício de papéis sociais entre as gerações e a capacidade de inter-relação entre os atores do enredo familiar realiza-se através de mediações.

Já no âmago da teoria marxista, compreende-se que.

“o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 1997 p.30).

Para Marx, a vida nas instituições é compreendida na ótica da produção e do consumo. Existem conflitos e contradições nas relações entre classes; porém, é no enfrentamento dos mesmos que se constrói a igualdade entre os pares e/ou a supressão da exploração dos dominantes sobre os dominados. Dessa forma, pode-se entender que um espaço social dividido entre gerações é também um canal propício a conflitos e contradições que, por conseguinte, não facilitará o consenso.

Nessa perspectiva, para a teoria gramsciana, *você é pelo outro*. E, é pela constituição de relações que sabemos quem somos. É através da inter-relação dos membros familiares e do agir coletivo, que se dá a troca de experiências e aprendizado, o que poderá, pelo menos em teoria, fortalecer vínculos familiares entre diferentes gerações.

Gramsci compreendeu que o domínio de uma classe sobre outra não depende apenas do poder econômico ou da força física, mas, principalmente, de persuadir a classe dominada a compartilhar dos valores sociais, culturais e morais da classe dominante (JOLL, 1997). Assim, enfatizando as influências intelectuais e culturais sobre as econômicas, o autor desenvolveu o conceito de *hegemonia* para explicar como o sistema social e econômico se sustenta e mantém sua base de apoio.

Portanto, considerando as perspectivas de conflitos e mudanças sociais, as relações intergeracionais podem ser conflituosas ou não. A argumentação de JOLL (1987), a partir de suas idéias sobre comunicação e diálogo inscreve-se em uma direção oposta, onde precisamos manter a importância do processo dialógico entre os saberes. Para tanto, na relação caracterizada pelo conflito, tensões, ambigüidades e contradições no espaço doméstico, o processo dialógico não é facilmente instalado, pois há de se considerar as possibilidades de resistência pelas diferenças entre gerações.

Sobre a tipologia dos papéis sociais, cabe fazer referência, ainda, a teoria DURKHEIM (2002) defensor do conceito de uma solidariedade orgânica, cuja premissa é uma sociedade que atua/influi sobre os indivíduos. O convívio em sociedade implica consenso, harmonia, integração, socialização, coesão/coerção; representação coletiva e consciência coletiva no exercício intergeracional de papéis sociais.

As narrativas sobre o exercício de papéis sociais, a partir de memórias de velhos, vincula-se à concepção da memória coletiva, no que se refere às vivências e experiências do vivido, na cotidianidade. HALBWACHS (2006), a respeito dos *contextos sociais da memória*, afirma:

“[...] é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza a essa reconstrução que chamamos de *memória* [...]” (p.08).

Já HELLER (1972) entende: “o homem nasce inserido em sua cotidianidade” (p.18). É no interior do espaço cotidiano que se processa a assimilação da manipulação das coisas, do domínio da natureza e, inevitavelmente, a assimilação das relações sociais. De acordo com a argumentação da autora, essa assimilação é tida como *amadurecimento* para a cotidianidade, e, este

processo origina-se por *grupos* cotidianamente na unidade familiar, na instituição escolar e em pequenas comunidades.

2.3 Contextualizando a Família Hoje

De acordo com BERGER & LUCKMANN (1985):

“[...] o homem não somente conseguiu estabelecer-se na maior parte da superfície da Terra, mas sua relação com o ambiente circunstante é, em toda a parte, muito imperfeitamente estruturada por sua própria constituição biológica [...]” (p.70).

Compreende-se que é na unidade familiar, considerada primeira instância socializadora, que se dão as primeiras relações com o outro, com as demais gerações e com o mundo exterior.

Acrescenta-se que, em todos os aspectos, biológico, psicológico e social, são necessárias atenções especiais do outro, ou seja, tanto na fase da infância, quanto na velhice, estamos vulneráveis ao mundo exterior. Nossas fragilidades e o não-conhecimento do mundo, enquanto estranho e delimitador, nos faz dependentes daqueles que estão à nossa volta, numa primeira instância; em outras palavras, através da identificação com a família. É nesse universo familiar que se iniciam às relações intergeracionais.

Trata-se do eixo criança-adolescente-adulto-velho, interagindo no núcleo familiar. Diferentes gerações numa troca de conflitos e saberes contínuos, onde a geração mais velha *ensina-me a viver*, interiorizando na geração jovem, conceitos de normas, valores, princípios e ideais de como viver em sociedade, preparando-nos para o mundo, para o vínculo com outros grupos sociais e instituições, além da familiar como primeira instância socializadora.

“A construção social da Realidade”, no que diz respeito aos nossos primeiros aprendizados enquanto ser no mundo, em um ambiente natural e humano, BERGER & LUCKMANN (1985), discorrem:

“[...] nessa ocasião, a criança humana não somente está no mundo exterior, mas se inter-relaciona com este por muitos modos complexos [...]” (p.71).

Considerando a relação velho (a) e criança, no convívio intra-familiar, percebe-se que (os) avós estão contribuindo significativamente na criação dos netos desde seu nascimento por fatores sociais que vêm se tornando cada

vez mais freqüentes nas atribuições a que está sujeita a instituição familiar (BERGER & LUCKMANN, 1985).

BACELAR (2002) pondera que o lugar dos (as) avôs (avós) contribui para uma mudança de atitudes e, certamente, como um alerta para subsidiar uma modificação importante na hierarquia social dos valores familiares. Desse modo, a autora preconiza uma nova postura com referência ao (à) velho (a): ausência de discriminação, reconhecimento de sua participação efetiva no núcleo familiar.

Com o advento da industrialização, o avanço da tecnologia, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o desemprego, a atual situação econômica do planeta globalizado, e demais determinações sociais, o (a) velho (a), na sociedade moderna, avança para o desempenho de novas funções e papéis no seio familiar, conquistando espaços que, até então, eram desempenhados pelos filhos adultos, seja pela ausência dos pais na educação dos netos, ou como provedores da família.

Compreende-se por família, segundo MARSIGLIA (2002), como “um conjunto de relações sociais baseadas em elos de sangue, adoção e aliança socialmente reconhecidos” (p.54). Esta definição de família significa também uma ênfase no caráter afetivo que norteia o conjunto das relações entre os membros. Enfocando a percepção de grupo familiar, instituída num conjunto de emoções e sentimentos, BARROS (1987) entende:

“A expressão de que família é algo inexprimível por palavras, dado o caráter positivo das emoções que a descrevem, lhe conferem a conotação de uma instituição superior às outras, não apenas pela sua positividade como também pelo fato de poder ser definida pelos sentimentos que provoca em seus membros” (p.80).

No posicionamento da referida autora, a idéia de família, baseada em vínculos afetivos, amplia-se para além de fatores biológicos e legais de parentesco, como forma de sua construção social. Barros (1987) discorre sobre a situação de diversos membros vivendo sobre o mesmo teto, no sentido da inclusão de amigos e parentes, valorizando laços de reciprocidade dentre os mesmos. Postulam-se, com essa abordagem, novas expressões sociais familiares que estamos vivenciando no ocidental mundo moderno. Nesses termos, trata-se de um agrupamento que convive numa atmosfera familiar, que se remodelou com a modernidade. Assim sendo, podemos mencionar que já

não há, tão somente, um modelo tradicional de família. Isto quer dizer que a instituição familiar tradicional continua a existir, mas não homogeneamente, abrindo espaço para novas atitudes, em função do veloz estilo de vida contemporâneo e a fragilidade dos relacionamentos. Em tempos modernos, há uma sensação permanente de transitoriedade.

Ao adotar o termo *família*, DURKHEIM (2002) discorre sobre a união entre os indivíduos que compõem esta célula, sendo os mesmos reconhecidos exteriormente pelo conjunto social. Logo, conceber família, na visão do autor, denota a instituição de um grupo de legitimidade que, dos tempos de Durkheim até hoje, demarca seu território, mesmo sofrendo novos arranjos que o meio favorece.

Netto (2005) entende que a importância dos velhos é derivada de uma época com marcados valores culturais, nos quais o grupo familiar exercia importante papel societal. Particularmente na sociedade rural, a convivência com avós, tios e primos faziam parte do cotidiano; por outro lado, esta família ampliada, de alguma maneira, provia às necessidades de apoio de saúde de seus membros. Assim, o cuidado dos doentes da família era dado, como ponto de honra, pela própria família. Tal situação, de valorização afetiva e social da família, pode-se encontrar de maneira nítida nas narrativas da grande maioria dos velhos.

De outro ponto de vista, estudos da relação entre o (a) velho (a) e seus familiares, desenvolvidos na década de 1960, sugerem que a tendência do (a) velho (a) a habitar só, não tem de ser necessariamente percebida como reflexo de um abandono, por parte de seus familiares. Ela pode significar um novo tipo de arranjo familiar, onde a separação espacial pode ser também entendida como sinônimo adequado ao estilo de vida, podendo favorecer um envelhecimento bem-sucedido. Berquó (apud NERI, 1999), a este respeito, considera:

“A situação familiar das pessoas nessa fase da vida reflete o efeito acumulado de eventos sócio-econômico-demográficos e de saúde, ocorrido em etapas anteriores do ciclo vital. O tamanho da prole, a mortalidade diferencial, o celibato, a viuvez, as separações, os recasamentos e as migrações vão formando, ao longo do tempo, distintos tipos de arranjos familiares e domésticos, os quais com o passar da idade adquirem características específicas, que podem colocar o(a) velho(a), do ponto de vista emocional e material, em situação de segurança ou de vulnerabilidade” (p.36).

Sejam quais forem as diversas formas de arranjos domésticos, decorrentes da própria trajetória de vida dos indivíduos, é necessário abordar a questão de poder envelhecer com qualidade de vida e dignidade, em novos espaços conquistados. Contudo, a família, ou a ausência dela, é a realidade mais determinante e decisiva para a vida dos velhos, enquanto atores sociais, e da sociedade a respeito deles.

Entretanto, como vem sendo constatado na atualidade, há tentativas, através de políticas públicas, de revalorização do processo de envelhecer, tanto seja para quem está envelhecendo, ou para aquele que é tido como velho (a), fazendo com que o (a) velho (a) não acabe por perder seu espaço e seu papel na família e/ou na sociedade.

Partindo-se dessa reflexão, consideramos as afirmações de Medeiros (apud PY, 2004), sendo que:

“A longevidade vai exigir que se abra o debate sobre as relações familiares e que os próprios velhos aceitem viver novas experiências e novas formas de morar. O que não impede que se fortaleça a idéia de família como a extensão de uma rede de afeto e solidariedade, e não apenas um lugar determinado para se viver” (p.193).

Neste leque de novas formas de morar de um lado e de outro da procura de viver novas experiências por parte dos velhos, a Carta Magna de 1988, conhecida como a *Constituição cidadã*, representou um importante passo na evolução do conceito de família, uma vez que tende a se tornar um grupo cada vez menos organizado e rígido, enfraquecendo hierarquias e centrando-se na afeição mútua. Sob este prisma, focaliza-se o Art. 3º da Lei N° 10.741, de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do (a) Idoso (a), dentre suas providências,

“[...] é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao (à) velho (a), com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária” (p.03).

Não basta, porém, constatar simplesmente a existência de uma legislação que privilegie o (a) velho (a), é preciso que, para além da legislação, o meio social aprenda a reconhecer, no (a) velho (a), a sua sujeitidade. Urge levar à prática o princípio de universalização já consagrado exemplarmente na

Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS. O Brasil necessita de reais condições para enfrentar o presente e o futuro de nossos velhos.

2.4 Relações Intergeracionais do (a) velho (a)

As relações entre diferentes gerações assumem, de um lado, um caráter propício para a transmissão de valores e de conhecimentos, bem como dos significados inerentes à existência do homem; de outro, na vida privada, filhos e netos podem não se esforçar para *abrandar* o destino de seus ascendentes. Esta caracterização pode ser relacionada a fatores diferenciáveis que vão desde uma educação dos descendentes que não privilegia laços de afetividade entre os seus, no decurso de suas vidas, a fatores geográficos, como residir e trabalhar noutra cidade, não aquela de origem dos pais, dentre outros.

Na consagrada obra *A velhice*, Simone de Beauvoir (1990) especifica a atitude dos adultos e dos jovens com relação à antiga geração de acordo com o fundamento da compreensão e da reciprocidade, assim determinados:

Uma sociedade é uma totalidade destotalizada. Os membros estão separados, mas unidos por relações de reciprocidade: indivíduos se compreendem uns aos outros, não tanto enquanto são todos os homens abstratos, mas através da diversidade de sua práxis. O fundamento da compreensão é a cumplicidade de princípio com todo empreendimento: cada fim, desde que seja significativo, destaca-se da unidade orgânica de todos os fins humanos (p.265).

A relação de compreensão e reciprocidade desenvolve-se no princípio da cumplicidade entre gerações a partir de experiências do vivido conjuntamente com os integrantes da família, sendo a relação de reciprocidade, compreendida através da dimensão e apreensão do outro. Segundo a autora, o que ocorre no caso da relação do outro com o (a) velho (a) é o inverso. O (a) velho (a) – salvo exceções – não faz mais nada. O tempo o conduz a um fim – a morte – que não é o seu fim, que não foi estabelecido por um projeto. Vê-se que em comunidades primitivas, velhos e crianças pertencem à mesma classe de idade, e que, ao longo da História, a atitude dos adultos é, em geral, análoga com relação a uns e a outros. Entretanto, sendo a criança um futuro ativo, a sociedade, ao investir nela, assegura seu próprio futuro, ao passo que, a seus olhos, o (a) velho (a) pouco lhe apresenta capacidades promissoras.

Para tanto, partindo-se do princípio dessa não-reciprocidade vivenciada na sociedade atual, a relação entre o adulto e o (a) velho (a) depende da relação entre filhos e pais, e, sobretudo, da relação que os filhos mantêm com o pai, através da figura materna. O que se vê, desde os últimos séculos até a época moderna, é a obrigação de respeitar os mais velhos.

Porém, aparentemente, pode haver interesses encobertos por parte dos filhos em relação ao fator econômico, fator este indicador de um tratamento ao (à) velho (a) como um ser já em decadência e inferiorizado, cabendo somente ao filho o gerenciamento dos negócios ou da vida financeira, senão a governança de sua vida, tornando-o um ser vitimizado e/ou passivo.

Beauvoir (1990) entende, embora isto possa ser tomado com reservas, que, mesmo de maneira dissimulada, o adulto tiraniza o (a) velho (a) que depende dele. Não ousa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem direito à sua obediência: evita atacá-lo de frente, manobra-o. Na verdade, alega o interesse do ancião. A família torna-se cúmplice. Mina-se a resistência do ancião, oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam, tratando-o com uma benevolência irônica. (BEAUVOIR, 1990).

De acordo com a perspectiva da autora, a sociedade impõe um jogo de ordem prática e moral, fazendo do (a) velho (a) um conformado, pela imposição de regras que lhe são estipuladas pelo padrão de comportamento vigente na sociedade. Há de se analisar, que, em outra situação, quando o ascendente que se ama fica velho e dependente, dedica-se a este, mas, em outra perspectiva, se o estado civil do filho for o casamento, a influência do cônjuge tende a limitá-la, seja por atenção adequada à condição e velhos (as) e, a importância a eles (as) dispensada.

Quando discutirmos a respeito da relação jovem *versus* velho, o primeiro pré-determina o seu julgamento ao segundo, sem acobertar suas verdadeiras intenções para com estes.

Ainda, a auto-afirmação, a individualidade e o consumismo exacerbado podem contribuir como fatores desencadeantes da intolerância ao avô que divide os mesmos espaços que os seus, obrigando-o, de certa forma, a bitolar-se aos caprichos e as alterações comportamentais do neto adolescente. Torna-se assim, um quadro desfavorável ao (à) velho (a), sendo este quem deve, geralmente, abdicar do que dispõe, e quem se submete à submissão no seio

familiar. Então, na convivência entre gerações, o (a) velho (a) poderá ter de se sujeitar as transformações em seu papel/status, como aquele membro que acaba por ser um estorvo para a família.

Quanto à relação das crianças com os velhos, BEAUVOIR (1990) expressa que muitas amam seus (suas) avôs (avós), e são ensinadas a respeitar os velhos seja pela educação, seja pela experiência de vida de seus anciões. Entretanto, se estes pertencem a classes inferiores, a criança tende a rir deles. Nesse adulto decaído, enfraquecido e estranho, a criança se vingaria do universo adulto que a oprime. Conforme a narrativa, percebe-se em muitas famílias de classes média e baixa, uma relação de ajuda e colaboração diária para com os netos. Essa situação é particularmente evidente quando são os avós que cuidam dos (as) netos (as) para que os (as) filhos (as) adultos possam trabalhar fora do domicílio por muitas horas durante o dia, ou quando os (as) avôs (avós) contribuem na criação, educação e financeiramente de forma significativa para o sustento dos (as) netos (as), suprimindo suas necessidades básicas até a adolescência e custeando também seus estudos, cuja renda dos genitores é insuficiente para tal.

Poder-se-ia acrescentar, ao entendimento do conflito de gerações, a contribuição de NETTO (2005):

“Mesmo que se admita o papel hostil da sociedade contemporânea para com o (a) velho (a), não é possível desconhecer que estes também têm uma parcela ponderável de responsabilidade por esta situação. É conhecido o fato da dificuldade de adaptação do (a) velho (a) ao meio em que vivem gerando conflitos particularmente com as gerações mais jovens. Não se pode, sob pena de cometer-se injustiça, afirmar que a rejeição é unilateral, ou seja, da sociedade ou, mais especificamente, dos jovens em relação ao (à) velho (a)” (p.10).

Nesse momento, vislumbra-se uma outra face com relação ao (à) velho (a). É importante demarcar a bilateralidade da rejeição entre gerações. Refere-se a não-aceitação e intransigência do (a) velho (a) à condição de seu próprio envelhecimento. Aliam-se a este processo os valores e as normas de comportamento que circundam a vida dos mais jovens, o que é diferenciada da geração mais velha sendo que esta procura trazer à tona o seu passado, impondo aos mais jovens seus valores culturais, o que certamente provoca o que se entende por choque de culturas entre gerações. Em contrapartida, se não houvesse o excesso ao culto da juventude na contemporaneidade, a busca

incessante de permanecer sempre jovem e a rejeição do (a) próprio (a) velho (a) na cultura dos tempos modernos, acredita-se que a integração e adaptação da intergeracionalidade poderiam ser menos conflituosas. DIAS (2004) manifesta que a Humanidade perdeu muito tempo até entender que, na verdade, envelhecer, ou seja, ter *longevidade* é um privilégio. Cada momento de aproximação das gerações estará dando aos mais velhos o reconhecimento e, aos mais jovens, a certeza de que terão a perspectiva de uma velhice muito mais realizável e plena.

2.5 Aposentadoria: uma fase de transição social

Quando a perda do trabalho para o sustento e para a autonomia não é compensada pela aposentadoria⁴, os indivíduos maiores de 60 anos, os velhos trabalhadores, fragilizam-se em decorrência da transição social ao qual vivenciam, do separatismo de classes e grupos sociais, do modelo concentrador de renda e da cultura produtivista e consumista no qual permanecemos imersos.

Este ponto traz à tona a malfadada situação dos aposentados na realidade brasileira, consistente em perdas relativas à contribuição efetiva da sociedade, os poucos recursos financeiros ofertados ao cumprimento de reais necessidades básicas, quiçá, melhores, à população de velhos (as).

Para configurar o cenário daqueles que vivenciam esta etapa de vida, caracteriza-se conforme CEI/RS (1988), que a aposentadoria associa-se a perdas, sejam elas de ordem física, intelectual e social. O afastamento do ambiente de trabalho pode trazer às pessoas a vivência de perda de status, passando a pertencer a um segmento discriminado socialmente, o grupo dos aposentados.

⁴ Magalhães (1989) considera: “A classe operária brasileira, a exemplo do que ocorreu na Europa e EUA, liderou no início do século e nos anos 20 a luta pela proteção do (a) velho (a) operário, dando origem a movimentos em favor da criação das Caixas e Institutos, e da Legislação Previdenciária. Preocupados com a defesa e o amparo financeiro dos mais velhos, as lutas operárias não se preocuparam com a *vida após o trabalho*, assim como não se postularam medidas de amparo à sociabilidade e de preservação da autonomia biológica. Mesmo agora, quando os sindicatos e centrais sindicais retornam à luta pela valorização dos benefícios e aposentadorias, são raras as preocupações com as condições de vida que visam à conservação de saúde dos operários, com a diversificação do patrimônio cultural e com a assistência médico-social para os velhos operários, quando a inevitável perda de autonomia começa a ocorrer” (p.51).

Neri (1991) assinala, a respeito da relação, velho aposentado e família:

“A aposentadoria é por vezes o estopim de grave crise existencial, freqüentemente agravada, e muito, por uma situação familiar complexa e não preparada para receber, em tempo integral, aquele membro outrora profissionalmente ativo” (p.96).

Nessa concepção, a aposentadoria não é só uma ruptura com os meios econômicos da comunidade, mas também com os sociais, na medida em que o trabalho origina status, NERI (1991). Carregando tais preconceitos ou rótulos negativos, o (a) velho (a), aposentado recentemente, tende a questionar: - O que fazer agora? Aproveitar o tempo livre para descansar e recuperar as energias desgastadas, ao longo da vida produtiva, ou procurar rapidamente outra atividade laboral?

Nesse contexto, sucintamente configurado, os velhos são geralmente suportados, quando não excluídos, como já descrito, através da ideologia da produção e da eficiência, que ainda desconhece e menospreza o valor do ser humano e o sentido da vida, privilegiando veementemente o capital financeiro. Há, para além da injustiça implicada na exclusão social (fruto da política neoliberal globalizante), a injustiça simbólica. A relevância do debate brasileiro em relação aos segmentos de maior vulnerabilidade social, dentre os quais, a criança, o portador de necessidades especiais, e o (a) velho (a), estão correlacionada com a dimensão de sujeito, a circunstância da sujeitidade (LOPES 2006).

Honneth (*apud* LOPES, 2006) refere-se à existência de situações problemáticas de falta de reconhecimento, caracterizadas pela hostilidade, pela invisibilidade social e pelo desrespeito, minimizando e fragilizando a efetiva organização da inclusão social e tornando-os reféns dos processos de exclusão social da era contemporânea.

É, sobretudo na aposentadoria, daqueles velhos que se encontram em maior situação de vulnerabilidade social, cadastrados no Instituto de Seguridade Social – INSS – que recebem do Estado, o Benefício de Prestação Continuada - BPC -, e fundos de pensão, que caracterizam formas de exploração do (a) velho (a) frente a vivências cotidianas no grupo familiar, cabendo-lhe, muitas vezes, o sustento do lar, isto é, o benefício que deveria privilegiar as reais necessidades básicas do (a) velho (a), acaba por ser a única renda de sustento para o filho desempregado e/ou para os netos. Nesse viés,

já foi apontado que divórcio, viuvez e a condição de mulheres-mães que não possuem companheiro ocasionaram o que denominamos de re-arranjos familiares.

2.6 Uma introdução à problemática do sujeito e da subjetividade do (a) velho (a)

Nas páginas anteriores, foi desenvolvida uma reflexão sobre alguns temas que julgaram-se importantes, a começar pelo tema do envelhecimento; a seguir, refletiu-se sobre os papéis sociais no cotidiano e a família na atualidade e sua importância para o tema em estudo, colocou-se, ainda, o tema das relações intergeracionais dentro e fora do grupo familiar do (a) velho (a) e também alguns aspectos da vida após o trabalho, visto que, para a maioria deles, a velhice é acompanhada de aposentadoria ou de retiro gradual de suas atividades laborais.

Agora, haverá de se adentrar na problemática da subjetividade e da constituição do sujeito, em um primeiro momento, com um caráter genérico e, imediatamente, focalizando como este tema pode ser desenvolvido em relação ao (à) velho (a). Ao mesmo tempo, tentar-se-á caracterizar o sujeito na encruzilhada do mundo tradicional (pré-moderno) e na modernidade.

Assim, através de um suscito olhar que pode ser lançado aos períodos evolutivos da humanidade, aos dias atuais, nos deparamos com a transição do modelo de vida tradicional para o do mundo da modernidade. Nesse sentido, tem se caracterizado aquele modelo tradicional como pré-moderno.

Cabe lembrar que é no século XVII (Descartes, Espinosa) que se situa o ápice do conflito que opõe razão e revelação ou, em outras palavras, religião de um lado e, de outro, filosofia e ciência. Do ponto de vista da teologia, já desde Santo Agostinho, a razão subordinava-se à fé. A razão humana devia se submeter a uma instância superior, a revelação. O século XVII, particularmente com a obra de Espinosa, apresenta a separação entre ambas dando lugar à razão como *luz natural* em oposição à luz da revelação e independente desta. Se a luz da revelação é divina, segundo a religião, a luz natural é própria do ser humano e a modernidade irá se desenvolver a partir desta noção, gerando inúmeras conseqüências.

Como já foi afirmado, o século XVII apresenta o distanciamento que será cada vez maior nos séculos seguintes, entre ambas as perspectivas. A filosofia e a ciência modernas irão caracterizar a religião (ou as religiões) como empreendimentos distantes da razão e até irracionais. Chega-se a considerar que o desenvolvimento da ciência trará, finalmente, a extinção do religioso, fato que não se confirmou no decorrer dos séculos, chegando, nos dias de hoje, a apresentar uma notável extensão que nenhum cientista dos séculos XVII, XVIII e XIX teria imaginado. Entretanto não cabe, a este trabalho, ocupar-se destes desdobramentos.

Para a filosofia e a ciência modernas, cada ser humano é dotado da própria racionalidade e reflexividade. A ciência vai se contrapor à religião que representa o mundo tradicional. Logo, a ciência tem um papel importante na modernidade, para além do conhecimento da religião, da teologia. Assim, dá-se início a busca da realidade, à luz da ciência.

À medida que estas polarizações vão se aprofundando, através dos séculos XVIII, XIX e XX, a filosofia e a ciência modernas resultaram do fortalecimento da razão humana contra as premissas que representam o mundo tradicional, antigo. É exatamente nesse plano de transição entre o mundo tradicional e o mundo moderno, que os empreendimentos racionais tentam fazer recuar as posições religiosas, dando voz e vez ao conhecimento filosófico e científico.

Com o passar dos tempos, as mudanças de aspectos tradicionais da vida vão se mostrando em distintas esferas, na religião, na vida cotidiana, na família, na cultura, na economia, pois cabe lembrar que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia modernas vai de mãos dadas com o surgimento e a expansão do capitalismo e a posterior (atual) sociedade de consumo, seu apogeu.

Em termos de discussão da noção de sujeito que foi iniciada nesta seção, caberia se perguntar sobre as transformações ocorridas na passagem daquele mundo tradicional para o moderno. De acordo com G. VELHO (1994):

“os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão.” (p. 39).

O autor aprofunda este conceito assinalando que:

“a modernidade no Ocidente está associada ao desenvolvimento de ideologias individualistas. [...] Simmel, em particular, qualificou diferentes tipos de individualismo, situando-os historicamente ao mesmo tempo em que assinalava suas possíveis coexistência e combinações.” (idem, p. 39).

Para Simmel (*apud*, BERGER & LUCKMANN, 1988) “[...] é através das múltiplas interações de uns-com-os-outros, contra-os-outros e pelos-outros, que se constitui a sociedade, como realidade inter-humana” (p.21); portanto, para este autor, “a sociedade só é possível pela existência das formas de socialização, verdadeiro a priori lógico da sua existência” (p.22). A existência de sociedade está condicionada a três eixos de condições existenciais, através das formas de sociação. A primeira delas implica que há uma série de formas de convivência, de unificação e de ação recíproca entre os indivíduos, que atendem só ao sentido que tem o número dos indivíduos sociados nas referidas formas. A segunda condição é o processo dominação-subordinação, que importa interação entre dominante e dominado. A terceira condição é o conflito, tão necessário à vida do grupo e sua continuidade como consenso. É ele indispensável à coesão do grupo. O conflito, “destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes” (p.122), não é, portanto, nocivo à vida social, pelo contrário, é condição para sua própria manutenção, além de ser o processo social fundamental para a mudança de uma forma de organização para outra. A forma indireta do conflito é a competição, cuja manifestação na sociedade é sempre a mesma, apesar da grande variedade de conteúdo (SIMMEL, 1983).

Nessa mesma linha de pensamento, do ponto de vista sociológico de SIMMEL (1983) surgem

“[...] as noções de proximidade e afastamento, de distância social, de vizinhança e de isolamento. O que importa, porém, não é o espaço geográfico ou geométrico, e sim, as forças psicológicas, os fatores espirituais, que aproximam, unem, distanciam ou separam as pessoas e os grupos.” (p.24).

De acordo com GIDDENS (1991), modernidade “[...] refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa, a partir do

século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, mas, por enquanto deixa suas características principais guardadas em segurança numa caixa preta” (p.11).

Na visão de COSTA (2001), ao evocar as contribuições de Giddens e Beck, na obra *Modernidade crítica e Modernidade acrítica*, entende a atual globalização como um sistema de efeito inter-relacional e instantâneo que decisivamente acabou por constituir numa eclosão de novas formas de pensarmos o próprio eu, e nossas relações sociais de conexões que construímos com o outro. Há de se considerar, conforme Costa (2001), as variações nos modelos tradicionais das instituições como o universo familiar e a sua relação com a sexualidade voltada para a procriação de filhos, pois assume espaços para a edificação da auto-identidade, na qual o autor denomina como o exercício atual da democracia das emoções compondo um painel de negociações entre as relações dos membros que convivem mutuamente:

“Entendida como a crescente igualdade de gênero, o tratamento das crianças no interior da família como sujeitos de direito e a negociação dialógica permanente dos papéis pessoais. Tais mudanças na esfera da intimidade representam a contraparte necessária das transformações impulsionadas pela crescente integração da mulher ao mercado de trabalho e surgimento de novas funções no plano público” (p.108).

Ainda, com base nas idéias de A. Giddens, COSTA (2001) expõe que

“Entre as famílias pobres, o incremento do número de mulheres chefes de família oculta a situação de abandono dos filhos e mães pelos maridos ou companheiros transitórios; no lugar de democracia das emoções há; portanto, um agravamento da luta pela sobrevivência e uma precarização das condições de vida. Para as famílias de classe média e rica, a instituição empregada doméstica parece dificultar a transposição para o contexto brasileiro da idéia de democracia das emoções, relacionada ao quadro de parceiros reflexivos que dividem eqüitativamente as tarefas domésticas e a educação dos filhos” (p.111).

Do ponto de vista sociológico a respeito das condições de existência do sujeito, até agora desenvolvido, deve-se somar um outro aspecto, psicológico ou psicossocial.

De acordo com MEZAN (1997), o conceito de sujeito pode ser compreendido sob duas perspectivas diferentes, mas confluentes. A primeira

refere-se ao que o autor denomina *sujeito a*: enquanto “sujeitado” às determinações sociais ou condicionado por elas; o segundo, vincula-se com a idéia de um *sujeito de experiência*, isto é, o ser humano na trajetória que vai das vivências (do vivido cotidianamente) à experiência, e, desta, ao exercício de uma reflexividade⁵. Em outras palavras: uma gama de vivências diversas, inerentes aos fenômenos psicossociais que compõem o seu ciclo de vida, sejam estes condicionados na esfera familiar, no trabalho, no círculo de amigos, enfim, na amplitude de sua história de vida, haverão de expressar, ao mesmo tempo, as determinações sociais e a experiência, configurando então a condição de sujeito.

O *sujeito* às determinações sociais é subordinado aos fatos sociais advindos da sociedade. Nesse sentido, MEZAN (1997) esclarece:

“Sujeito pode ser empregado como *sujeito a*, enfatizando os aspectos de dependência, de passividade, ou até de constrangimento: estar sujeito às intempéries, às leis, às ordens de outrem. Também pode ser empregado na acepção oposta, que acentua os aspectos de liberdade, de ação, de iniciativa, como nas expressões sujeito da oração (aquele que é ou faz o que o verbo diz) *sujeito de direitos*, sujeito político. Assim, podemos dizer que o sujeito se encontra no cruzamento de várias linhas de força, das quais ele determina algumas, enquanto outras o determinam. Aqui já nos encontramos numa esfera que não é mais fenomenológica, porque vai além da sensação de si mesmo que o inglês caracteriza com a palavra *self*, e que representa o aspecto mais imediato da subjetividade” (p.13, grifos do autor).

Ainda, de acordo com MEZAN (1997), a subjetividade está imbricada em três planos. Primeiramente, o plano universal que abarca *todos* os sujeitos a partir de tudo aquilo que compartilhamos, como a linguagem e as necessidades básicas, dentre outras. Numa segunda instância, nos deparamos com o plano particular, quando nos referimos a *alguns*, sejam determinados por gênero, etnia, idade, e outros, o plano do particular. Finalmente, é possível se referir ao plano do *singular* caracterizado como aquilo que é *único* (intransferível).

⁵ Costa (2001): “Entende-se como reflexividade o exercício da apropriação crítica dos conhecimentos que a sociedade produz sobre si mesma e as possibilidades de redefinição dos próprios papéis sociais que decorre de tal movimento. Neste quadro, não apenas as tradições podem ser tratadas criticamente. Mas os próprios valores e instituições modernas se tornam objeto de permanente vigilância crítica. A postura e a ação reflexivas, catalizadas pelos mecanismos de desencaixe, segundo Giddens, cruzariam as diversas esferas sociais, da cultura à intimidade, e desse modo configurando as bases de um projeto reflexivo do eu.” (p.108).

Assim, a reflexividade permitirá compreender que a subjetividade se dá como “condensação ou sedimentação de uma série de determinações”, isto é, são caracteres *extra-individuais*, efeito de resultante de sucessões que se iniciam “antes dela (a subjetividade) e vão além dela”, processos de origem bio-psico-sociais; culturais, dentre outros. Para tanto, o fator fundante da subjetividade é estabelecido no social. Na verdade, é fruto da sociedade, onde os seres humanos aprendem, desde a infância, a assimilar regras e normas de valor, a partir das instituições e dos grupos sociais a que pertencem, incorporando hábitos, costumes, tradições e também valores que se apresentam, aos efeitos de serem interiorizados, para cada geração e para cada indivíduo. MEZAN (1997) esclarece:

“O indivíduo precisa investir de sentido psíquico aquilo que o ambiente lhe oferece, e, caso viva numa sociedade um pouco mais complexa, terá de escolher entre alguns ou muitos modelos e objetos de desejo. Ele o fará segundo suas inclinações, segundo suas experiências mais fundamentais e precoces, isto é, segundo aquilo a que a Psicanálise denomina sua “constituição” ou suas “disposições”. É a variedade de soluções de que a psique dispõe para resolver estes conflitos fundamentais – variedade em parte determinada pelos possíveis do funcionamento mental, e em parte pelo leque de opções legítimas e ilegítimas oferecido pela sociedade em que nasce e na qual lhe toca viver – que será responsável pelo elenco de modalidades de subjetivação efetivamente presentes num dado momento de uma dada cultura” (p.16).

De tal forma, não é possível se compreender a noção de sujeito e sua correlativa, a de subjetividade, se não se presta atenção às determinações sociais, mas, ao mesmo tempo, à experiência dos sujeitos. Isto quer dizer, em outras palavras, que todo sujeito remete a uma sociedade, uma cultura e a sua historicidade e, ao mesmo tempo, à reflexividade sobre a subjetividade.

3. SANTA MARIA: CONDICIONANTES HISTÓRICO-SOCIAIS E A CONDIÇÃO ATUAL DO (A) VELHO (A)

Santa Maria é um município brasileiro do Estado do Rio Grande do Sul. Também conhecida como *Santa Maria da Boca do Monte*.

Dentre seus aspectos e condicionantes histórico-sociais⁶, o município abrange uma população de 270.073 mil habitantes fixos, (segundo estimativa do IBGE para 2007), e, aproximadamente, mais de 30 mil habitantes flutuantes⁷. Está localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul, a 286 km da capital Porto Alegre. A cidade concentra na zona urbana em torno de 95% da população e, na zona rural, o equivalente 5,3%. Sua taxa de urbanização de 91,74 % também é superior a do Estado que é de 78,66%. O Município possui grande poder de atração populacional, que a transformou em importante centro regional. O município de Santa Maria apresentou, no período de 1991 a 2000, uma taxa de crescimento demográfico de 1,86%. Possui a maior cidade (Santa Maria) da região; a cidade é a mais urbanizada e a mais populosa, concentrando 36,40 % da população da região. No sistema urbano do Rio Grande do Sul (IBGE, 2007), Santa Maria é a 5ª maior cidade do Estado em população, depois de Porto Alegre, Caxias do Sul, Pelotas e Canoas.

A população de velhos (as) do município (IBGE, 2000) apresentava um contingente de 26.000. Atualmente, a estimativa é de, aproximadamente, 28.000 velhos (as) santa-marienses.

Santa Maria também é conhecida como *Cidade Cultura* (pela presença de Universidades e Centros Universitários e Faculdades), bem como *Cidade Coração do Rio Grande do Sul* (por sua localização Geográfica). A cidade sedia a UFSM - (Universidade Federal de Santa Maria), que conta atualmente com mais de 15.000 alunos em seus Cursos de Graduação e Pós-Graduação.

Em relação à qualidade de vida dos municípios, conforme pesquisa da (ONU/ PNUD, 2000), Santa Maria é considerada a 45ª cidade do Brasil e a 9ª do Estado.

⁶ Fonte: www.adsantamaria.org.br

⁷ População Flutuante: relacionada aos estudantes da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), que residem no município durante o período de seus estudos.

Os espaços públicos de lazer sejam praças ou parques, enquanto lugares de atividades despreocupadas, de descanso, de diversão, esportivos, ou qualquer outra atividade desobrigada, são os locais onde as pessoas se encontram umas com as outras, e se encontram, antes de tudo, com sua própria cidadania, desenvolvendo e fortalecendo seu sentimento comunitário. Os espaços de lazer do município constituem-se como um problema social para a coletividade. A criação e revitalização de espaços públicos qualificados para o desenvolvimento das políticas de recreação e lazer, estão aquém das reais necessidades, tanto para as comunidades da região central, como para as demais comunidades que formam o município. O esporte e o lazer devem ganhar um novo papel na organização urbana, relacionado ao bem-estar das populações, como aponta o relato da maioria dos munícipes entrevistados.

A situação dos grupos de velhos (as) de Santa Maria/RS possui um diferencial social, enquanto os pertencentes da zona centro, em relação aos domiciliados em bairros e vilas. Sobre este prisma, há de ser considerado o descontentamento da maioria dos grupos urbanos pesquisados, ou melhor, dos grupos pertencentes à periferia do município, com relação às diversidades enfrentadas no mundo moderno que acabam por interferir e modificar a dinâmica do grupo familiar, comunitário e suas relações com as instituições do Estado.

Para tanto, não mais se cultua a prática de entrevistas, via meios de comunicação, por canais de televisão, rádios, jornais, dentre outros, dos líderes comunitários à população.

Para além das dificuldades encontradas pela pesquisadora, tanto nos primeiros contatos, como na realização das entrevistas dentre grupos e comunidades das regiões da periferia; durante o período de pesquisa de campo, tornou-se visível o enfraquecimento de lideranças nas comunidades. Até mesmo as comemorações do Dia do Vizinho, atualmente não estão sendo realizadas como nos últimos anos. As confraternizações e o lazer entre vizinhos de suas comunidades limitam-se em poucas associações de bairros. É um costume que está se tornando apenas um fato histórico que poderá acabar no esquecimento, tanto pela falta de iniciativa dos líderes comunitários, como pela falta de participação da comunidade, segundo diálogos entre alguns

líderes comunitários e a pesquisadora, assinalando que, infelizmente, nesses diálogos não foi autorizado o uso do gravador.

Dentre várias comunidades que visitei, além dos diálogos, constatou-se pessoalmente que nem ao menos há vias de acesso nas ruas, calçadas, pontos de ônibus e demais logradouros públicos para velhos (as) e portadores de necessidades especiais.

Essa infra-estrutura existe apenas na região centro do município, mas somente em espaços privilegiados como hospitais, clínicas de atendimento privado e algumas instituições de educação e ensino.

As comunidades da periferia, a partir das reflexões dos entrevistados a respeito do que pensam e almejam para a melhoria de seus problemas sociais, reclamam a falta de espaços físicos na cidade. O foco substancial do resultado da pesquisa, aponta para os espaços de sociabilidade e urbanização do lazer para o segmento de velhos (as).

Se as políticas públicas fossem, de fato, construções participativas de uma coletividade, delas deveria emergir, como uma realidade, a diversidade das necessidades dos vários segmentos sociais, o que não se constata.

É preciso prover a estrutura pública administrativa do esporte e lazer dos recursos financeiros e técnicos indispensáveis ao seu eficaz funcionamento, buscando a qualificação dos gestores e da própria gestão para o trabalho nas comunidades. Nesse sentido, constata-se que estudos nesta área possibilitariam a abertura para um debate, avaliação e novas reflexões que possam contribuir para avanços nas políticas públicas municipais de esporte e lazer. Contudo, verificou-se que a estruturação da cidade não dá garantias para o exercício do direito e o acesso da população ao esporte e ao lazer. O município deve considerar os espaços de sociabilização em toda a sua abrangência social, como uma questão de Estado, prevendo uma ação articulada e integrada, para que as práticas esportivas e de lazer venham constituir-se em meios de promoção da população, inclusive melhorando a qualidade de vida e auto-estima dos seus cidadãos.

Com relação ao trabalho⁸ desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria do município, ressalta-se o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à

⁸ Fonte: Revista Caderno Adulto ed. Nº 7 – UFSM/CEFD - (2003).

Terceira Idade – (NIEATI). Esse entrou na luta pela valorização dos idosos em 1984, quando o Prof. Dr. José Francisco Silva Dias iniciou o trabalho de atividades físicas para a terceira idade no Centro de Educação Física e Desportos da UFSM, e que persiste até os dias atuais.

Através do Departamento de Desportos Coletivos, onde o professor José Francisco Silva Dias propôs o projeto "GAFTI - Grupos de Atividades Físicas para a Terceira Idade", O Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI) vem criando, junto à comunidade da cidade, grupos de atividades físicas para velhos (as), visando em primeiro lugar, a melhoria na qualidade de vida, uma autonomia para este contingente.

Durante esses vários anos de atendimento à comunidade da cidade e da região, já atuaram no projeto do NIEATI/UFSM aproximadamente 700 alunos de graduação. Hoje contando com a participação de docentes, pós-graduandos, acadêmicos do Curso de Educação Física e demais cursos da UFSM, de forma conjunta, procura-se atingir satisfatoriamente os objetivos propostos a cada ano letivo que se inicia. O atendimento com relação a estes grupos é de, atualmente, mais de 2000 idosos.

O NIEATI participa de organizações do Conselho de Idosos de Santa Maria, entendendo que a organização dos (as) velhos (as), enquanto cidadãos, é imprescindível para a formação de sujeitos que promovam um resgate dos valores da velhice, contribuindo assim para a construção de uma nova história da realidade de nossos (as) velhos (as).

Assinala-se o trabalho pioneiro nas universidades brasileiras, na área da atividade física para velhos (as), seus resultados sociais e o comprometimento da Universidade Federal no atendimento às necessidades da população envelhecida.

Por fim, o trabalho do núcleo, junto aos velhos (as), baseia-se no conceito moderno da cidadania, articulando ações para melhoria da qualidade de vida dos (as) velhos (as) de nossa sociedade.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Apresentam-se, a seguir, os passos percorridos durante o desenvolvimento deste trabalho.

Esse estudo foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa. No tratamento das narrativas dos depoentes, reunidos através de entrevistas, foi empregado o método de análise de conteúdo. Para tanto, compreende-se a organização da análise de conteúdo em 3 (três) fases: pré-análise; exploração do material; análise e interpretação dos resultados.

Nesse foco, a análise de conteúdo compreende um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam discursos extremamente diversificados. Seu objetivo consiste na manipulação de mensagens, isto é, conteúdo e expressão do mesmo, para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem (BARDIN, 1995).

Nesse universo qualitativo, no campo das ciências sociais, MINAYO (1993) discute sobre pesquisa qualitativa, quando esta trabalha com um universo que não pode ser quantificado, ou seja, um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Na visão de MOREIRA (2002), “todos os estudos de campo são necessariamente qualitativos e, mais ainda, se identificam com a observação participante” (p.17). Por se tratar de um estudo dos fenômenos, a abordagem do tipo fenomenológica é uma particular estratégia de pesquisa qualitativa. Dessa forma, compreende-se que o olhar fenomenológico procura estabelecer, através de suas fases e caminhos, para além de um conhecimento intersubjetivo, centrar-se na interpretação do mundo que surge intencionalmente no campo da consciência e suas percepções dos fenômenos. De acordo com TRIVIÑOS (1987)

“[...] os positivistas reificaram o conhecimento, transformaram-no num mundo objetivo, de coisas. A fenomenologia tem sua ênfase na experiência pura do sujeito. Esta corrente realizou a desreificação do conhecimento, mas, ao nível da consciência, em forma subjetiva [...]” (p.47).

Sob esse enfoque, foram levadas em consideração durante a coleta de dados e informações, possíveis ligações e interferências com elementos culturais e valorativos, os quais caracterizam o mundo vivido dos sujeitos.

“O contexto cultural onde se apresentam os fenômenos, permite, através da interpretação deles, estabelecer questionamentos, discussões dos pressupostos e uma busca de significados da intencionalidade do sujeito frente à realidade. Dessa maneira, o conhecer depende do mundo do sujeito” (TRIVIÑOS, 1987:48).

A escolha dos sujeitos, a partir de sua *disponibilidade espontânea*, incidiu sobre a população de velhos (as), compreendida a partir da faixa etária dos 60 (sessenta) anos. Quanto às histórias de vida, observou-se a questão de gênero, sendo convidados pela pesquisadora, 4 (quatro) sujeitos, sendo 2 (dois) velhos e 2 (duas) velhas, pertencentes aos grupos de convivência institucionalizados, o *Grupo Mexe Coração* e a *Associação Assistencial Cabelos de Prata*.

No que tange aos sujeitos pesquisados, o universo foi constituído, em sua maioria, por pessoas cujas idades situam-se acima de 60 anos. A seleção dos sujeitos a serem entrevistados, baseou-se no mapeamento inicial realizado (vide anexo I) e, a partir daí, na disponibilidade espontânea que as pessoas contatadas manifestaram para com a pesquisadora. A partir da indicação do Conselho Municipal do (a) velho (a) (COMID) e do contato direto, algumas pessoas foram convidadas a participar da pesquisa, compondo assim uma população inicial.

Através desse estudo, deparamo-nos com diferentes interpretações da vida dos sujeitos envolvidos, formas de compreensão do senso comum que está diretamente imbricado com a descrição de estilo de vida do agrupamento de pessoas que convivem juntas.

De acordo com RICHARDSON (1999), a observação participante é condizente com pesquisas de grupos ou comunidades. Segundo o autor, nesse tipo de observação, o observador “[...] não é apenas um espectador do fato estudado, ele se insere na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno estudado [...]” (p.261). De acordo com sua vivência participativa, o observador tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não participante.

Para a abordagem técnica do trabalho de campo, foi utilizada a entrevista em duas modalidades; a primeira, uma entrevista semi-estruturada composta de algumas perguntas sobre pontos que a pesquisa pretendia conhecer; a segunda, mais livre, está inspirada no método de história de vida, possibilitando ao entrevistado discorrer a vontade sobre suas vivências e lembranças. MINAYO (1994) preconiza que

“[...] essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem da fala, bem como meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico [...]” (p.57; MOREIRA, 2002).

A opção pelo instrumento de pesquisa *história oral de vida* neste trabalho, a título de experimento, foi baseada no desafio de ir além do conhecimento superficial, superar o objetivismo para descobrir os significados do vivido dos sujeitos depoentes, procurando a nitidez dos fatos na transferência do conhecimento profundo e sensibilizado de suas memórias. Segundo G. VELHO (1994):

“as noções de *projeto* e de *campo de possibilidades* podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades.” (p. 40).

De acordo com QUEIROZ (apud Simson, 1988) “[...], através dos séculos, o relato oral constituía sempre a maior fonte humana de conversação e difusão do saber [...]” (p.16). Segundo a autora, a observação pelo *relato oral* precede a própria *escrita* do homem das cavernas, pois as *figuras* por eles deixadas supunham, num primeiro momento, o *sentido* do que estava sendo expresso, ou seja, já estavam *transmitindo* os seus *conhecimentos* uns aos outros, o que mais tarde denominara-se como *palavra*.

Para THOMPSON (1992)

“A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo idéias e informações. Com a ajuda destas, pode-se definir o problema e localizar algumas fontes para resolvê-lo” (p.254).

Inicialmente, o pesquisador, fazendo uso de um mapeamento prévio de um campo de possibilidades a serem exploradas, obtém um afinamento de seu objeto de pesquisa, ao mesmo tempo em que é possuidor de vantagens na própria busca de dados.

Para SALTALAMACCHIA (1992) “[...] como toda outra técnica de investigação, a entrevista de história de vida é uma específica forma de interação social y guarda desta suas principais características.” (p.164).

A história oral faz parte de um diálogo, de um encontro, de conversas com o outro, as quais, quanto mais avançam, possibilitam que o relato espontâneo construa um documento histórico. Nesse processo, a experiência de vida como prática das realidades do sujeito marca a presença existencial no relacionamento com o mundo, que, visto através de observações participantes empíricas nos vários encontros, descobrirá os sentidos das histórias de vida. No trabalho do diálogo, somos ao mesmo tempo sujeitos e objetos da experiência de fala, que, ao mesmo tempo, é pensamento e ação.

Para THOMPSON (1992)

“Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta” (p.197).

Assim, a realidade presente no imediato dos indivíduos é a *razão de ser da história oral*. Nessa perspectiva, a história oral garante *sentido social* à vida de depoentes que passam a entender a seqüência histórica de suas vidas, como a se sentirem parte do contexto em que vivem. É, nesse sentido, que a história oral de vida é compreendida como uma *ação social* baseada na formação do sujeito social, isto é, em sua ética para tratar o outro.

De acordo com SIMSON (1988), a busca pela subjetividade deve ser captada também através das emoções expressadas pelo depoente. Simson (1988), ao comentar sobre *o poder do silêncio*, enfatiza que “[...] o relato oral serve, pois, para captar o não-explicito, quem sabe mesmo o indizível [...]” (p.15). Isto significa que o calar expressa o que não é dito, mas é também uma forma do dizer.

Para a análise e interpretação de dados obtidos, procurar-se-á organizá-los e sistematizá-los, de modo a obter visão de todo o material “construindo um conjunto de categorias descritivas” (LÜDKE & ANDRÉ, 1996). Este foi o momento de debruçar-se sobre o material obtido através de leituras sucessivas, o que possibilitou a codificação do conteúdo de estudo. A análise da transcrição das expressões do (a) velho (a) contidas nas entrevistas foi realizada através da técnica de análise de conteúdo e da

organização de categorias. Para Gomes (apud MINAYO 1994) “[...], atualmente, podemos destacar duas funções na aplicação da técnica. Uma se refere à verificação de hipóteses e/ou questões” (p.74).

Através da análise de conteúdo, pode-se encontrar respostas para as questões formuladas e também permite confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação. A outra função diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções podem, na prática, se complementar e podem ser aplicadas a partir de princípios da pesquisa quantitativa ou da qualitativa. No olhar de GOMES apud (MINAYO, 1994), “as categorias são empregadas para se estabelecer classificações” (p.70). Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias, ou expressões.

A maneira de resumo em relação ao método primeiramente foi realizada um levantamento de informações a respeito da situação dos (as) velhos (as) no município e, a seguir, procedeu-se a entrevistar sujeitos nas modalidades acima apontadas, procedendo então a uma análise do material, tal como consta a seguir.

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO MATERIAL

“as pessoas, nem falavam em idoso! - Dizia velho!” (Sra. Doçura, p.08).

1. ENVELHECIMENTO E VELHICE

O Sr. Theobaldo e sua esposa, a Sra. Geni, conheceram-se no grupo Cabelos de Prata, e, após, nunca mais se separaram. Seu Theobaldo relata, ainda, que compartilha com a nova companheira de todas as atividades voltadas para a Terceira Idade, para além daquelas de seu grupo de convivência e, diz que, desfruta mutuamente com sua esposa, de um envelhecimento saudável. O Sr. Theobaldo é enfático ao relatar os benefícios das atividades compartilhadas nos grupos de pertencimento, independente da noção de idade que cada freqüentador (a) faz de si. Através de suas narrativas, considera-se um *divulgador* da boa velhice, ao passo que, está sempre convidando, motivando outros (as) velhos (as) a fazerem parte de grupos de Terceira Idade institucionalizados.

“saindo da idade adulta, aí... indo pra Terceira Idade, né! – Então, me aposentei, e hoje vivo... vivo! - Vivemos, eu e minha patroa! – Não perdemos... uma festinha nos Grupos de Terceira Idade, é um baile, é uma excursão, e, é uma reunião! – Fizemos também... educação física vamos aos grupos de musculação! – Olha, pra mim... é uma maravilha! – Graças a Deus, é uma maravilha, viu! - Tenho me sentido outro! – Outro! – Tenho me sentido bem mais jovem, sabe? (risos) – Depois que estou agora, nos grupos de terceira idade! – E, com freqüência mesmo, né! – Não perdemos uma! – Então, eu acho uma maravilha! – E acho que todas as pessoas da minha idade, mais novo, mais velho, devem, devem, mesmo freqüentar os Grupos da Terceira Idade, ouviu!” (Sr. Theobaldo, p. 31⁹)

A Sra. Doçura expõe que, está tão somente *vivendo a velhice*, ela tem para consigo que, o *ser* velho, muitas vezes tem maior capacidade, vigor físico que um jovem, por exemplo. A palavra *velha para ela*, não é conjugada como termo pejorativo, às demais gerações. Isto porque, a Sra. Doçura se considera dinâmica na Terceira Idade. Complementa que ainda tem vigor e muita vontade de viver, conforme suas palavras:

⁹ O número de página refere-se ao Anexo II

“Ninguém me faz feliz, a não ser, eu mesma! – Essa que eu acho que é a mudança do idoso, a maior parte dos idosos, é velho, porque é censurado dentro de casa, pai, mãe, os irmãos dizem: - Tu é velha vó, não faz isso! – E quando alguém disser isso pra mim, eu digo: - Então faz o que eu faço, que eu quero vê se velho não faz, não é? – Eu tenho a experiência das minhas netas que vão num baile tem que dormi até as duas da tarde! – Eu vô num baile, oito horas, eu já tô fora da cama! – E não tenho dor nas pernas, não tenho dor em nada!” (Sra. Doçura, p.12)

Através de sua narrativa, destaca-se que o envelhecer em sua família quase sempre foi tratado como uma etapa isolada do centro das atividades, o qual passa para os jovens. Ainda, expressa que velhos (as) são censurados em seu cotidiano e suas atividades. Contudo, a essa visão da velhice, a entrevistada contrapõe a sua própria:

“[...] idoso é uma palavra doce!” Sra. Doçura (p.08)

O Sr. Theobaldo discorre sobre o processo do envelhecimento, do *ser longevo*, após os sessenta anos vivendo mais tempo com muita qualidade de vida.

“[...] ser idoso pra mim, é toda aquela pessoa após os sessenta anos! – Essa é o que eu entendo por idoso, sendo que pode chegar aos noventa anos, com muita qualidade de vida!” (Sr. Theobaldo, p.27).

QUALIDADE DE VIDA

As falas dos (as) depoentes caracterizam o seu exercício da cotidianidade. Os sujeitos em sua vida, nesse caso, os (as) velhos (as) relatam que estão *aproveitando a vida* com uma velhice saudável, qualidade e vida e acesso ao lazer, ao passo que relataram que, em outras etapas da vida não tiveram acesso ou oportunidade, o que sim veio a acontecer nessa etapa da vida.

“Eu vivo viajando, passeando, não posso perder essas oportunidades porque o que foi não volta mais. Então, vai indo, vai indo, e eu, vou aproveitando a vida.” (D. Doçura, p. 7).

Na citação que se segue, pode-se ter o depoente como um exemplo de liderança comunitária, pois já a exerce, há vários anos, além de ser um profundo conhecedor de sua comunidade, de seus problemas e de seus membros. Há, nessa comunidade, dois grandes asilos para os (as) velhos (as)

na cidade de Santa Maria, ao passo que, através de parcerias da iniciativa privada com o poder público, pôde-se *reconstruir* os asilos, como referência no trato a esta população, visto que, antes, eram chamados de *depósito de velhos*, hoje, a realidade é outra, preocupa-se com a dignidade do ser velho.

Quanto à questão narrada, à qualidade de vida, a noção do Sr. Plínio, é uma visão privilegiada, pois, entende que o *processo de envelhecer* deve ser compreendido no decorrer do ciclo de vida dos seres humanos, e, não isoladamente, isto é, somente na velhice. Acrescenta que o processo do envelhecer é um processo que se dá durante toda a vida. Entendendo que, qualidade de vida, deve ser re-considerado e re-pensado pela sociedade. Relato sua narrativa através de uma pergunta pertinente ao debate – Por que qualidade de vida só a partir dos 60, 65 anos de idade? Complementa que é preciso um olhar mais abrangente, que possa compreender a dinâmica do sujeito como sujeito, independente da classificação e noção de idade que nos foi imposta e persiste na época atual.

“O pior problema do idoso é a ociosidade”! A ociosidade acaba em depressão e ele acaba por não ver mais sentido em sua vida. Então, nós, enquanto participantes também dos conselhos, do conselho de saúde, nós colocamos essas questões, para as autoridades, não é? Por que a nossa função é chamar a atenção das autoridades. Fazer o que é possível dentro das nossas limitações, mas o principal dos nossos objetivos é chamar a atenção pras carências da comunidade e de toda a cidade, não só a questão da criança e do adolescente, mas também dos adultos, das senhoras que precisam trabalhar, que precisam ter uma creche decente. Do chefe de família que está desempregado e precisa de um curso de qualificação para que ele não chegue na porta de uma empresa, e dizem: Oh!, tu não tem capacidade, tu pode ir embora! - E, é a maior realidade na nossa cidade é isso aí! É falta de capacitação para o trabalho. Não é a falta de trabalho, é a falta de capacitação. E, lamentavelmente nós temos poucos cursos técnicos e esses cursos técnicos são restritos aos jovens de melhor escolaridade. Daí acaba sendo feito uma escolha, uma peneira como nós falamos no popular, que é muito injusto. - Normalmente aqueles que mais lutam aqueles que mais precisam são os relegados ao não! - E, eles ficam na espera! Aí, não sobra outra coisa a não ser em catar lixo, faze os bico como eles costumam dizer e muitas vezes esses bicos às vezes nem são tão honestos quanto a sociedade gostaria que fosse, mas é o meio de sobrevivência! - E no amanhã, como vai ser o futuro desses velhos? (Sr. Plínio, p.34)

A FALTA DO CÔNJUGE

Para Seu Deoclides, a educação tradicional, baseada no respeito e na fidelidade, que os (as) velhos (as) carregam consigo, é vista, como se pôde observar no relato abaixo citado, para além da morte de um dos cônjuges, isto é, a memória do (a) companheiro (a), faz parte das lembranças, das memórias, muitas vezes, podem levar à tristeza, prostração, a não vontade de viver, etc. Mas, por outro lado, o ser velho, pode ser compensado pela família, círculo de amigos, comunidade, grupos de Terceira Idade, nos bailes, excursões, onde haja a troca de experiências entre os gêneros.

“Pra mim, ainda é recente que minha esposa faleceu. Como eu já falei, eu vô nos baile pra participa, pro meu lazer! – A gente conhece outras pessoas, mais eu ainda não penso em outra companheira ainda, por que eu gostava muito da minha finada esposa!” (Sr. Deoclides, p.17).

SOLIDARIEDADE

O princípio da solidariedade, a preocupação com o outro, é vista, para além dos grupos de apoio e/ou auto-ajuda, também na categoria de velhos (as) nos Grupos de Convivência. É o que relatam o Sr. Deoclides e o Sr. Theobaldo, a seguir:

“Nós criamos várias modalidades que hoje tá difícil manter essa associação, devido a tudo o que nós criamos aqui, principalmente os alimentos pras pessoas carentes, por que solidariedade não tem idade.” (Sr. Deoclides, p.05).

“Aqui a gente é bem tratado, desde os colegas até o casal presidente. A gente se dá bem mesmo, a gente se quer muito bem. Quando um colega não vem, a gente acha falta um do outro. Agora já fazia dois dias que um membro não vinha nos encontros, na ginástica, aí eu já telefonei pra ele: - O quê que tá acontecendo, tá doente? A gente fica preocupada.” (Sr. Theobaldo, p.04).

MEIO-URBANO

A migração de indivíduos do meio rural para o urbano, para as grandes metrópoles, cresce vertiginosamente. Tudo acontece nesse sistema, do macro para o micro, isto é, seguem-se os modelos de vida das grandes cidades para as interioranas. Por outro lado, há grupos que já retornaram para a zona rural. Em outras décadas, a migração de quem se instalou nas cidades,

aparentemente deu certo. Hoje, a realidade de adaptação e a falta de oportunidades para o camponês sobreviver nas grandes metrópoles, é mínima, pois somente colaboram com o número de favelas nas periferias e os cinturões de pobreza. Mesmo havendo uma nova cultura de valorização nascendo nas favelas, a mesma ainda concentra muitos problemas sociais. Assim sendo, o meio-urbano, na modernidade, não favorece a vida daqueles advindos das pequenas cidades, ou da zona rural. Se criarmos uma cultura de valorização do campo, certamente, ocorrerão mudanças bruscas na vida dos indivíduos e do planeta, ameaçado à extinção.

“Eu era camponês. – Morei muitos anos na campanha até os dezenove anos, aí depois vim pra cidade [...]” (Sr. Deoclides, p.18).

VIOLÊNCIA

De acordo com a exposição da Sra. Claudete (Vice-presidente) do COMID (Conselho Municipal do Idoso) (Anexo II) e da Delegacia de Polícia e Proteção ao Idoso de Santa Maria, RS (Anexo I), a violência doméstica praticada contra os (as) velhos (as) atinge um número expressivo de velhos (as) em nossa cidade. Os casos mais freqüentes se dão no âmbito familiar. São os (as) próprios (as) filhos (as) e netos (as) os (as), ou parentes mais próximos, os agressores. Acompanhado de maus-tratos físicos, se faz presente, *o medo e o silêncio* por parte dos (as) velhos (as), agredidos. Por medo de represália, não denunciam, e a prática da violência doméstica continua. Afirmam ainda que esta violência é constatada em todas as camadas sociais. A seguir, assinala-se o depoimento coletado no COMID:

“Houve um caso, que eu vou dar como exemplo, de uma senhora que vivia presa numa cama. Ela vivia sob os “cuidados”, entre aspas, de uma filha, mas essa filha, não dava cuidado nenhum. Ela vivia presa num quarto sem janela, onde ela não podia conversar com ninguém pra dizer que tava presa ali. Então a vizinha descobriu e nos levou o caso. Essa senhora recebia uma boa pensão e a filha lhe tirava toda. - Pra quê? - Pra sustentar quem não merecia! Graças a Deus, o COMID pôde fazer alguma coisa pra essa senhora. Tiramos essa senhora de lá, ela foi pro hospital. Hoje ela está recuperada, e a filha respondendo a processo. É isso aí e muitas coisas mais que o COMID faz, embora muita gente diga, que o COMID não existe. - Ele existe sim! Trabalha com lealdade, com sacrifícios, porque às vezes no COMID não tem uma folha de papel pra se deixar um recado, mas a gente tira do próprio bolso [...]” (Sra. Claudete, p.02).

MEMÓRIA

Quanto à fala de lembranças antigas, a memória individual do Sr. Theobaldo reconstitui um quadro de circunstâncias e referências, que se fazem presente no cotidiano dos (as) velhos (as). São memórias vivas de suas próprias histórias contadas. Fatos, lugares, objetos, há sempre algo que os reporta às lembranças vivenciadas individual ou coletivamente no passado dos (as) velhos (as).

“Porque naquele tempo, rádio... não... não lembro! – Devia já existi em 42, né! – Então, lá as correspondências eram por telex, né! – Cartas por telex! – Tinha o trem de ferro que passava lá perto”. (Sr. Theobaldo, p.29)

“Eu casei com um homem que eu amei e fui apaixonada! – Tive oito filhos com ele cheia de amor, porque os filhos são lindos, porque puxou ao pai, que era lindo mesmo! – E quanto à vida, não foi muito fácil! – Foi um pouco difícil! – Fora às vezes desempregado, ele se colocou, foi jogador de futebol, pescador, caçador! – Mas tudo isso pra mim, o amor era mais forte, hê... só quem teve trinta e seis anos de casada que eu tive, jamais pensei em perder ele pra outra! – Sofri muito!”. (Sra. Doçura, p.09)

“Como eu fui criada com os avós, eu tinha... eu era... a mimosinha deles, né! – Então... eu... a minha primeira escola, foi ali na casa dos meus avós! – Então, na casa dos meus avós, assim, é tudo!”. (Sra. Therezinha, p.25)

“Lá em Porto Alegre, eu tive um namorado, só não morei! – Faz vinte anos, eu sô viúva, né, mas foi há uns vinte e cinco anos atrás, aí! – E namorei um cidadão e... mais só não morei! – A gente se divertia muito!”. (Sra. Doçura, p.09)

“A memória da minha infância, foi o seguinte: foi quando eu fui pra escola, né, por que pra fora, assim, era muito difícil escola no interior da cidade assim, por que não existia professor quase, que quisesse lecionar lá onde nós morávamos. - E aí, eu fui pra escola, com quinze anos de idade, né, pra vê, que as escolas que tinha era muito longe, eram três, quarto léguas pra gente í, então não dava! – Pra gente í, tinha que í a cavalo, né! – Por que a gente não tinha condições de chega no horário no colégio, né! – Então, eu fiquei do primeiro ao quarto ano, eu fiquei no colégio, e aí, depois, eu fui aceito no colégio devido pro que eu tava com a idade avançada já pra inicia, então, eu fui aceito devido aos comportamentos que a professora me conhecia, né, nos conhecia, né, então que eu fui aceito no colégio, e aí pude estudar até o quarto ano primário!”. (Sr. Deoclides, p.19)

“As pessoas camponesas sempre tem uma educação diferenciada dos da cidade, né! - Não que diz que os da cidade não tenham

educação, mais na minha época, principalmente, era mais puxado a educação com as outras pessoas, né!”. (Sr. Deoclides, p.19)

“Tive uma criação beleza! - Tive uma família muito gostosa gostei muito da criação dos meus pais! – Apanhei bastante porque eu era arteira, eu merecia mesmo! – Tanto que a idade que eu tenho ainda sô arteira, né! – Só que agora não precisa ninguém me dar lição, valeu! – Porque o tempo que meus pais me batiam, não te deixá marca, a polícia nunca bateu em mim, nem nos meus irmão!”.

(Sra. Doçura, p.13)

2. PAPÉIS SOCIAIS E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

ATIVIDADES COMUNITÁRIAS

O trabalho desenvolvido na Associação Assistencial e Recreativa Cabelos de Prata estende-se às famílias dos (as) velhos (as) carentes que se beneficiam através do trabalho assistencial desenvolvido pelo grupo, como os cursos profissionalizantes, refeições comunitárias, confecção de carteiras para viagens intermunicipais que dá aos velhos (as), desconto nas passagens, serviços advocatícios gratuitos para encaminhamentos de aposentadorias, revisão de salários de aposentadorias e, demais atividades, como a organização de bailes e chás a fim de arrecadar fundos para manter seus programas assistenciais.

São trabalhos de cunho assistencial, referem-se ao trato não somente dos (as) velhos (as), mas também às suas famílias e sociedade. Diferentemente dos demais grupos de convivência para velhos (as) existentes na comunidade santamariense.

De acordo com a entrevista abaixo do presidente, o Sr. Plínio, Os *Cabelos de Prata* demonstram ser mais dinâmicos e atuantes frente à estruturação do urbanismo moderno. Há de se considerar fatores que o privilegiam perante os demais grupos, como sendo o único grupo formal do município com (sede própria), localizado na região centro, maior número de associados e freqüentadores. Este último item deve-se ao fato que, muitos (as) velhos (as) depoentes, explicitaram que deixam seus grupos de origem (comunidade), para freqüentar o Cabelos de Prata, o que, enfraquece os grupos menores aos quais pertenciam. Pode-se perceber no relato que se segue, um embrião de redes sociais.

“Então, aqui a gente trabalha com grupo de Terceira Idade, com aposentados e, com as famílias também. Aqui tem grupos de ginástica, tem grupos de trabalhos manuais, uma ensinando a outra, quem sabe ensina a quem não sabe. Muitas dessas pessoas que participam, são pessoas carentes pra aprender, pra procurar dali tirar alguma renda para melhorar sua qualidade de vida. Temos o serviço de assistência de distribuição de cestas básicas para idoso carentes que realmente precisam, e temos também um outro serviço que se faz com as famílias carentes da comunidade, onde se atende centro e trinta pessoas entre idosos e crianças, uma vez por mês, onde se faz um almoço que é servido a essas famílias. Para arrecadar fundos para essas atividades, uma parte a gente tem uma verba através do fundo de assistência social em parceria com a prefeitura e a secretaria de assistência social, que dá uma verba anual num valor que não cobre todas essas despesas. Então, o quê que se faz, se faz bailes, faz almoços e chás pra arrecadar fundos pra poder manter esses programas que a gente tem. Se faz também, as viagens que é a parte de lazer, passeios, viagem pra praias. A gente sempre está buscando entreter o idoso, trazer o idoso e a família do idoso pra junto da associação. Outro serviço que se faz, é uma parceria que se tem com a Federação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas do Rio Grande do Sul, com a sede em Porto Alegre, onde a gente tem advogados que atendem gratuitamente, encaminhamentos de aposentadorias, revisão de salários de aposentados, e também se faz as carteirinhas de viagens intermunicipais que dá o desconto de 40% nas passagens”. (Sr. Plínio, p. 03)

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

Como modelo de espaço de sociabilidade, far-se-á referência ao grupo de velhos que se encontra diariamente no Calçadão do centro da cidade. Este grupo existe desde a construção do Calçadão. É, pois, um grupo informal. Reúnem-se para passar o tempo.

“Pois justamente eu estava falando sobre o nosso grupo de amigos aposentados, é se reuni aqui no calçadão e falar diversos assuntos, política, futebol, economia, qualquer coisa que a gente possa passá o tempo.” (Sr. Darci, p.32).

Complementa a discussão da noção de espaço de sociabilidade do grupo de aposentados do Calçadão:

“É o grupo de ferroviários aposentados que se reúne diariamente. – Só sábado e domingo que não, mas diariamente se reúne aqui. É uma forma de lazer. – A gente sai um pouco, as pessoas tudo, as pessoa idosa, né! A amizade é desde o tempo de trabalho, há cinquenta anos! (risos) – É isso aí, né!” Sr. Ademar (p.31).

Há de se considerar que este espaço não é freqüentado pelos (as) velhos (as) dos grupos de convivência como consideram a seguir, as narrativas do Sr. Theobaldo e do Sr. Deoclides, respectivamente, integrantes do Grupo Cabelos de Prata a respeito do que pensam sobre a noção dos *velhos do Calçadão*, em relação à reflexividade de espaços de sociabilidade dos mesmos, na velhice, onde aponta um outro olhar dos velhos (as) freqüentadores dos grupos de convivência, a condição de sujeitos na atualidade.

Relato do Sr. Theobaldo:

“A mudança... pra mim deve ser pra aqueles idosos que ficam especialmente só dentro de casa, que não sai! – Mais eles não aceitam quase a... eles não aceitam a... os nossos convite! – O convite, o incentivo que a gente faz pra que eles deixem e nos acompanhe né! – Eu acho que eles têm... é a maneira de troca, ainda tem muito o que fazê, pra que eles voltem, eles não voltem! – Mais, porém, que eles sejam aquilo que nós desejamos que eles sejam na atualidade, né! - Pra podê vivê, pra ter uma qualidade de vida melhor, né! – Eu acho isso aí! – Eu acho que faltam motivações pra esses idosos, né! – Tem que parti dele e a... e a família tem que ajudá! – E ele também tem que aceitá sugestões dos colega dele, de pessoas amiga dele, que conversa com ele, e façam! – Façam o convite pra ele parti pra sociedade, né! – Pra sociedade assim, principalmente pros grupo de idosos, né!” Sr. Theobaldo (p.29).

Relato do Sr. Deoclides:

“Ah! Na Associação Cabelos de Prata, no Clube Esportivo, no Clube Comercial, no Clube Caixeiral, no Clube Santamariense, no salão de festa do Barchet, em todos os lugares que a gente é convidado aqui, a gente participa. - E, tem mais o SESC. Eu também participo dos CTG's (Centro de Tradições Gaúchas) que eu sou sócio de alguns deles, né! – Então, eu tô sempre participando em sociedade.” (Sr.Deoclides, p.16).

Já para a Sra. Therezinha, o espaço de sociabilidade aos (as) velhos (as), deve ganhar abertura e repercussão da mídia para a sociedade, conforme expõe desta participação no reality show, *Big Brother*:

“mais eu gostaria, assim, de... sei lá, acho que, aparecê mais na mídia, sê um pôco mais conhecida, né, no... meio de comunicação! – Alguma coisa assim, né! – E... um sonho eu realizei, te eu tenho uma foto... minha, hã, como eu já falei, lá no Monet! – E... sei, lá, eu acho que eu gostaria de também de participá do Big Brother! – Da casa do Big Brother! (risos) – Que a minha intenção era assim, ó... um dia escrevê pro... pro Bial, né, dá a sugestão a ele assim, que fizesse um Big Brother, um pôco mais leve, né! – Com o pessoal da Terceira Idade, né! – Eu acho que isso aí é uma realização total, tanto pra mim, quanto pra... eu imagino que pra muita gente!” (Sra.Therezinha, p.24)

Sob o mesmo enfoque, a Sra. Doçura identifica-se como o mesmo espaço de D. Therezinha:

“com essa idade, é entrá no Big Brother, né! – Mais eu acho que tem que ser pro idoso, não sei! - Porque se tiver muito jovem, eu tenho impressão que eles me botam no paredão, imediatamente! – Mas, como já me disseram que não é eles que valem, que é o povo, eu acho que o povo me devolve pro programa! – É que nem São Pedro! – São Pedro, eu vô lá pra cima, ele vai dizê: - Tu fez isso Doçura? – Tu fez aquilo? – Não! – Então desce e vai terminá! – Vai completá o que tu tem que fazê!” (Sra. Doçura, p.14)

Ainda, sobre os espaços de sociabilidade, vê-se que na maioria dos relatos orais, velhos (as) preferem se deslocar de seus bairros e comunidades, ou seja, de seus grupos de pertencimento para se dirigirem a espaços mais ativos, capazes de proporcionar melhores opções de atividades. Evidencia-se quando um grupo passa de pequeno a grande grupo. É o que constatamos a seguir, pela Sra. Dirce:

“Faz três meses que eu participo do grupo, eu tô gostando muito. Eu vim porque eu queria participar de um grupo. Eu venho lá do bairro Nossa Senhora de Lurdes, lá não tem atividade pros idosos. Tem um grupo que faz caminhada lá no shopping center, que

pertence a Paróquia Ressurreição, mas eu nunca participei, então, eu preferia aqui. E participo segundas e sextas, na Universidade. Eu tô em todos os projetos, só não vô quando eu fico doente de cama. A gente faz toda a atividade física, eu gostei muito porque eu andava muito doente, daí eu fazia caminhada porque eu tinha dor no joelho. Mais depois que eu participei desse projeto, mas, olha! - Eu sou uma pipoquinha! - Pulo, danço, jogo bola, faço toda a atividade física junto aos colegas, to me dando muito bem, adorei! - E não pretendo sair tão cedo, nem daqui também!" (Sra. Dirce, p.06)

A característica marcante do modo de vida dos sujeitos na era moderna é, pois, sua concentração em agregados gigantescos em torno dos quais está aglomerado um número maior de centros e de onde se difundem as idéias e as práticas que denominamos civilização (WIRTH, 1979) ¹⁰.

Eu me expresso pra sociedade, através das apresentações de dança. - A dança vem do meu interior, me renova, eu esqueço que tenho oitenta anos. - No momento que eu me apresento, eu sou uma artista! - Eu não sabia que eu era uma artista! - Mas naquele momento, eu sou uma artista! - Já faz mais de quatorze anos que eu freqüento os projetos da Universidade. - Lá é dança, é ginástica, é caminhada, é comunicação! - O pessoal sempre me diz: - Doçura, quando tu não aparece, isso aqui fica triste! - Eu tenho muita criatividade, por exemplo, hoje, me perguntaram: - Doçura, por que não veio quarta? - Por que eu viajei! - Eu vivo viajando, passeando, não posso perder essas oportunidades por que o que foi não volta mais! - Então, vai indo, vai indo, e eu, vou aproveitando a vida!"(Sra. Doçura, p.07)".

O relato oral da Sra. Doçura demonstra sua sociabilização no espaço público dos teatros e dos palcos também pela arte. Através da corporeidade, expressividade e da mímica, pela dança, interage com o outro e com as demais gerações, isto é, com a sociedade. Para a depoente, o *representar* outras identidades artísticas, através dos espetáculos de dança e teatro, além de revelar sua própria criatividade nos seus oitenta anos de idade, assinala ser uma das melhores formas da aceitação, respeito e demais variantes, que integram a universalização de todos os sujeitos, ao quais velhos (as) descobriram, para além de aproximar a sociedade do (a) velho (a), mostrar ao

¹⁰ Wirth (1979) "Para finalidades sociológicas, uma cidade é uma fixação relativamente grande, densa e permanente de indivíduos heterogêneos. Os grandes números são responsáveis pela variabilidade individual, pela relativa ausência de conhecimento pessoal íntimo, pela segmentação das relações humanas as quais são em grande parte anônimas, superficiais e transitórias e por características correlatas. A densidade envolve diversificação e especialização, a coincidência de contato físico estreito e relações sociais distantes, contrastes berrantes, um padrão complexo de segregação, a predominância do controle social, formal e atrito acentuado, entre outros fenômenos" (p.113).

público que assiste a um *ser* velho com capacidades, potencialidades, etc, enquanto velhos (as) saudáveis que buscam qualidade de vida nessa chamada *Terceira Idade*.

LIDERANÇA

“A sociedade se mobiliza pra criança, pro adolescente, pra saúde. Pro velho não tem liderança. A gente que é idoso e trabalha com os idosos sabe disso. - O Estatuto do Idoso ainda não é cumprido, precisa muita luta ainda! O que eu entendo por liderança, é mais pro lado da publicidade, que tá começando aqui em Santa Maria. Eu tive espaço, enquanto idosa quando ganhei nove títulos de beleza da Terceira Idade no município e na região também. Eu cito que eu fui rainha do meu grupo, em 2002 e o Concurso Miss Santa Maria Terceira Idade, em 2004. Aí, me chamaram pra ser modelo pra uma agência. Lá no shopping Monet colocaram uma foto minha num painel bem grande, junto com outros de crianças, adolescentes, adultos e do idoso na praça de alimentação. Eu penso que isso é muito bom pra gente, mais tem muito caminho pela frente. Pelo menos se abriu um espaço pra gente.” (Sra. Therezinha, p.06).

Esse discurso, num primeiro momento, está voltado para as políticas públicas de atendimento aos velhos (as), sendo abordada a perspectiva de que há priorização do atendimento às demais políticas assistenciais, o que fere a universalização, segundo a narradora. Na próxima fala, a Sra. Therezinha, entende liderança aos sujeitos idosos, a abertura da publicidade, como o início de um processo social, inclinado às instituições dos setores privados, porque começam a lançar seu olhar para a população de velhos (as), pois é um nicho de mercado ainda pouco explorado como para as outras gerações que lideram o consumo. Porém, diz a entrevistada, que, mesmo sendo este espaço de consumo, *abriu suas portas* para os (as) velhos (as), tornando-se um local de convívio social e de lazer mútuo, voltado para a população de velhos (as), diferentemente das demais empresas, que consideram o ranking, a outros grupos.

PAPÉIS SOCIAIS

“O jovem precisa se orientar com o idoso, porque desde a educação das pessoas jovens, não são os mesmos daquilo que a gente foi criado! – Hoje, há... a educação é bem diferente há setenta anos atrás do que era, e do que é hoje! – Antigamente os filhos observavam o que os mais velhos conversavam, o jovem ficava ouvindo! – Ele só ia comentar, depois que perguntasse pra ele! – E

quanto à orientação, o jovem tem que se espelha muito com a gente, com os idosos, porque eles podem ter mais cultura do que nós, mas ele não tem a sabedoria da vida dele, que nós temos essa experiência adquirida, né, através do tempo! – É por isso que o jovem tem que se orientar, bastante com nós, né! – Ele tem que se orientar pelo idoso, e com o idoso eles tem que aprender! – Eu acho que se eles aprenderem tudo o que o idoso sabe está muito bom, melhor ainda, se ele entender mais ainda.” (Sr. Deoclides, p.18).

COESÃO E CONFLITO

“Sim! – Já me aconteceu, dentro do próprio grupo, de uma pessoa, né! – Ela estava afastada e aí quando retornou, ela ficou bastante tempo fora do grupo, quando retornou, achou que ela, assim, podia mandar, determinar, dá os palpites e... impor a vontade dela, né! – E, aí... eu e ela nos batemos de frente! – Que eu não aceitei né, as oposições dela! – Aonde ali, ela me desacatou, ela me chamou, a pessoa mal-amada! – Eram as imposições dela, né! – E, aí a gente bateu de frente! – Então ela achou que... eu não era ninguém, que eu não era nada, e tava metendo que, por ela ser uma pessoa bem mais antiga no grupo, embora tivesse ficado um bom tempo fora, achou que... ela... e eu, achei que não! – Que eu tive de fazer valer a minha posição, e foi o que aconteceu! – Hoje, eu continuo no grupo, sendo bem quista por... claro, que nem sempre, a gente agrada a todo mundo, né! – Mas, a maioria eu tenho certeza que... que me querem bem ali dentro! – São queridas por eles! – E, ela não! – Ela não participa mais! – Ela saiu do grupo! – Com certeza, uma só pessoa manda e determina ao bel prazer, não! – Eu acho que a gente tem que entrar num acordo, porque é um grupo, tirá sugestões de um, de outro, ou a opinião de um, de outro, e... ponderará, vê a melhor situação.” (Sra. Therezinha, p.24)

Especificamente, nessa situação exposta pela depoente, a co-relação, conflito/coesão concretizou-se da seguinte forma: ao mesmo tempo em que o conflito excluiu uma eventual participante, o grupo ficou coeso em torno de certos critérios de participação. O processo dialógico é, em sua trama, repleto de contradições, interesses opostos, etc. Mas, nas relações de grupo, aqui explicitadas, pode-se observar a procura de coesão de seus membros, cuja maioria de seus integrantes vá de encontro ao interesse comum, isto é, ao processo democrático das relações estabelecidas com o outro.

RESPEITO

“Eu tenho muitas amizade, não é só aqui em Santa Maria, tenho no Rio Grande, no Brasil inteiro, eu tenho amizade com as pessoas, né! – Eu sou uma pessoa muito respeitada nesse lado, por que sempre procurei formar um círculo de amizade com as pessoas, não inimizade, que inimizade não leva nada a ninguém! – Então por isso me sinto feliz em ser essa pessoa da maneira que sou, e tenho muitos amigos [...]”.(Sr. Deoclides, p.15)

O ciclo de amizades entre os (as) velhos (as) é extenso ou igual perante os mais jovens. Exemplo disso é a Internet. Hoje, velhos (as) navegam na Internet, fazendo novos amigos, participando de Comunidades no ORKUT, pelo mundo todo se eles (as) quiserem. O alcance da tecnologia é para todos (as). Mas, por outro lado, o contato com o outro, pessoal, mais do que o impessoal, continua a existir, como no modelo tradicional, baseado no respeito para com os (as) amigos (as).

MEDO

“E, não tenho medo de ter idade, se chamam de velho, pra mim, não tem! – Velho pra mim, é um pano rasgado, né! – Essa é a parte que eu acho sê idoso. – Não tem nada que dize, que tem que respeitá, não! – Respeitamos os jovens, pros jovens podê respeitá o idoso! – Eu acho que pra mim, é isso aí! – O idoso depende de cabeça, porquê tem jovem que já é velho, como eu mesma conheço pessoas que perto de mim diz, eu me sinto velha perto de você! – Mais por quê? – É a cabeça dela, né! – Não é a idade que te faz a velhice! – Tem jovem que já é velho, há muito tempo! – Eu não vô te dizê, que eu sô jovem, mais o meu interior é super jovem!” (Sra. Doçura, p.08)

Ainda há, dentro das comunidades e grupos de convivência, uma diferenciação negativa à denominação de *velho*, pois, a maioria dos depoentes, prefere fazer uso da terminologia idoso (a) do que velho (a). A palavra tornou-se pejorativa, advinda da cultura e modelo tradicional que discrimina os indivíduos da Terceira Idade. Em um segundo momento da narrativa da Sra. Doçura, a mesma expõe que, velhice, é uma questão de cabeça, o que está em jogo é como se sente interiormente frente ao processo de envelhecimento, isto é, há, por parte da depoente, a aceitação quanto ao corpo físico que está com a aparência marcada pelas rugas do tempo. Porém, a juventude, salienta Doçura, é sentir-se jovem, agir como jovem, ter atitudes como a dos jovens, mas, com a experiência de vida e os conhecimentos adquiridos. Na verdade, o relato da Sra. Doçura vai de encontro ao *ser* jovem que deve prevalecer na existência dos indivíduos.

SONHOS

“Falando dos meus sonhos, o meu sonho, era ter um apartamento! – Realizei! – Aconteceu! – Outro sonho é de ser uma artista, uma cantora! – Eu sô uma artista uma cantorinha assim pra agrada ou cantora de banheiro! – E, agora, o meu maior sonho agora, com essa idade, é entrá no Big Brother, né! – Mais eu acho que tem que ser pro idoso, não sei! - Porque se tiver muito jovem, eu tenho impressão que eles me botam no paredão, imediatamente! – Mas, como já me disseram que não é eles que valem que é o povo, eu acho que o povo me devolve pro programa! – É que nem São Pedro! – São Pedro, eu vô lá pra cima, ele vai dizê: - Tu fez isso Doçura? – Tu fez aquilo? – Não! – Então desce e vai terminá! – Vai completá o que tu tem que fazê!” (Sra. Doçura, p.14).

O relato da Sr^a. Doçura nos fala daqueles (as) velhos (as) que já estão com a “idade pra lá de avançada” e que sonham, planejam o “futuro”. Ao coletar sua história de vida, Doçura nos remete à reflexão, a novas idéias da concepção de velhos (as) que temos! Os sonhos na velhice são tão intensos e juvenis, quanto à possibilidade de um (a) velho (a) participar de um programa na mídia televisiva, exclusivamente voltado para a juventude. É um repensar do (a) velho (a) em outros espaços públicos da modernidade.

3. PARTICIPAÇÃO E PROCESSOS DE SOCIABILIDADE

“Então, eu acho uma maravilha! – E acho que todas as pessoas da minha idade, mais novo, mais velho, devem, devem mesmo freqüentar os Grupos da Terceira Idade, ouviu! – Devem ser... já nem vou dizer associados, quer dizer, mais por ao menos freqüentar as reuniões, ouviu! – Freqüentar... com freqüências, né! – Bailes, reuniões, né! – Participar! – É isso aí!” Sr. Theobaldo (p.31).

A categoria participação é fundamental no interior dos grupos, sem participação e freqüência, os grupos se enfraquecem, não há como sobreviverem. Deve-se tomar a palavra *participação* como um hábito, dessa forma, os (as) velhos (as) tornam-se mais freqüentes nos espaços de sociabilidades, em outros espaços públicos, para que as demais gerações aprendam a conviver harmonicamente com esta população.

“Bom, espaços é o que não nos falta! O que falta mesmo, são projetos de atividades.- Então, tudo o que nós temos hoje, é projeto que ainda não saiu do papel! Mas em execução, a gente não tem nada, mas a gente entende que a preocupação, aliás, não existe uma preocupação da administração pública, em relação ao

idoso. - Tudo o que se refere ao idoso, ele está dentro do Estatuto, ele está escrito, mas em atividade praticamente, muito poucas coisas.” (Sra. Idalina, p.33)

Em relação ao assunto pertinente, cabe aqui ressaltar que muitas das lideranças de bairros mapeadas estão mais interessadas na execução de políticas públicas do que nas possibilidades e numa visibilidade maior no “sujeito velho”, isto é, em suas capacidades e potencialidades enquanto sujeito. Muitos desses líderes, assim como a Sr^a. Idalina, entendem que o “espaço” para os (as) velhos (as), é somente um dever do poder público e da execução de políticas para esta população. Não há um olhar voltado para outros espaços de sociabilidade.

PRECONCEITO

“eu vi um casal vendo eu no meio do salão dançando samba, rebolando, vivendo, vi uma censura! – Nessas alturas eles tavam se beijando... E aí quando eu vi a censura, quase me... quase que me demoliu! – Aí eu enfrentei eles e disse: - Você tem mãe? – Você tem avó? – Tenho! – Aí eu disse: - Mais é velha né? – Tá dentro de casa! – E eu não! – Sô mãe sô avó, sô bisavó! – Mais eu sô gente! – Aí, eles... caíram fora de perto de mim! – E já tive também, senhora! – Senhora, amiga da Universidade quando nós fizemos um trabalho de... A Dança de Rua, que eu enfeitei a minha cabeça com umas coisinhas, enfeitezinhos na cabeça que eu saí da COHAB Tancredo Neves até a Universidade, eu via muita gente me olhá! – Mais eu não encarava, eu ia enfrentá! – E tive uma censura de uma amiga que disse que aquilo, não sentava na minha idade! – Não sentava! – Aí eu respondi: - Se não senta fique de pé! – Ela dizia: - Isso é pra criança! – Isso é só pra criança! – Uma própria amiga minha! – Quando eu comprei, não tava escrito que era pra criança, e mesmo que fosse só pra criança, o dinheiro é meu, eu compro e eu faço o que eu quero!.” (Sra. Doçura, p.12)

O primeiro relato da Sr^a. Doçura nos dá a noção da não-aceitação de gerações mais velhas ao meio jovem em seus espaços de lazer, o que é concebido de maneira preconceituosa na era moderna. E quanto à censura de sua colega, da mesma faixa etária, do mesmo grupo de pertencimento, apesar de cada indivíduo ser *uno*, a amiga e companheira de trajetória, também reagiu, estabelecendo critérios de idade, com pré-conceitos formados pelo modelo tradicional que se fundem com o moderno.

4. FAMÍLIA E INTERGERACIONALIDADE

“Hoje a coisa é diferente!” – Hoje, o idoso, ele praticamente, as vez, é o esteio da família! – Ele sustenta os filhos, às vezes, casado, com netos, né, com filhos! (Sra. Therezinha, p.23)

Baseando-se no relato da Sr^a. Therezinha, observa-se na modernidade, que, o estereótipo dos avós sentados na cadeira de balanço; fazedora de crochê; da vovó contadora de histórias para os (as) netos (as), é coisa do passado. É a mudança dos tempos, a passagem de um modelo tradicional para o contemporâneo. Hoje, os (as) velhos (as) vivem outro cotidiano, com o auxílio de profissionais preocupados com um envelhecimento bem sucedido e com a longevidade. Frequentam academias, colore os cabelos, fazem uso da geriatria, enfim, para se tornarem mais jovens e por mais tempo. Porém, como já foi citado, é maior o envolvimento com a *saúde e a qualidade de vida* aos (às) velhos (as) e velhas na modernidade.

“Eu imaginava assim... ficá somente nós dois, enfim só! – Era um sonho que tinha de andá de mãozinha! - Apesar de eu sempre andá de mãozinha com ele. Ele as vez não queria porque dizia somos velho! – E eu respondia pra ele: - Se você é velho, tudo bem! – Eu não sô! – Eu sô apaixonada e quero você, meu namorado eterno! – Era o sonho que eu tive, mais não tive condições de realizá!” (Sr^a. Doçura, p.13).

Sr^a. Doçura, assinala sua união matrimonial eternizando a fase do namoro, do romantismo. Como fala, não são as rugas que vão impedi-la de continuar sendo a namorada de seu marido. Para um casal que convive 30 (trinta anos), constitui família, filhos, netos, por que não *andar de mãozinha dada?* – Isto é privilégio das gerações mais jovens? Em nossa sociedade ocidental, a noção de idade foi *criada e estabelecida em etapas*. É a vida é vivida em etapas. Hoje eu posso isso. Amanhã, já não posso mais! – Essa mentalidade já está mudando e, segundo o relato oral desta pesquisa, as mudanças, num primeiro plano, devem partir do (a) próprio (a) velho (a). Contudo, a ciência preocupa-se com os estudos do envelhecimento humano e alerta para a grande parcela de velhos (as) que estão por vir. Mas é preciso mais do que isto. É preciso uma conscientização e uma nova educação em massa, para lidarmos com o processo de nosso próprio envelhecimento humano. Como é sabido, o Estatuto do Idoso, em suas disposições preliminares, já nomeia a família, a comunidade, a sociedade e o poder público, *garantias e prioridades* aos (as) velhos (às).

“Eu acho que iriam receber... muito bem! – Já discutimos essa possibilidade, mas, não houve avanços... pessoalmente, pela minha parte!” (Sra. Therezinha, p.23).

A discussão que gira em torno dos novos arranjos familiares, já citados nesse estudo, é mais comumente observada em velhos, pela viuvez. Porém, na modernidade, essa cultura, já está se modificando, é o que se verificou no depoimento supracitado, ou seja, a unidade familiar está aceitando que suas velhas encontrem novos parceiros convivendo sobre o mesmo teto ou não.

“E continuo aproveitando, que é o melhor que eu faço, e, é isso aí! – Tenho orgulho do monte de filhos que eu tenho, vários netos e bisnetos! – Então, isso aí também, eles vão aprender muitas coisas que os idosos, os velhos como dizem, não é pra fica dentro de casa, né, é pra curtir o que a gurizada curti! – Só não curti, o quê? – Não curti a coisa ruim que é, roubo, crimes e drogas, né, mesmo olhando a televisão como que dizem, que a televisão ensina, não! – Ensina aquele que não tem a cabeça no lugar! – E eu como me amo, jamais vô me prejudicá! – Quem não se ama, se prejudica, né! – Graças a Deus, não fumo, não bebo, só danço, pulo, pinto o sete! – Não pinto com pintura, mais pinto o sete!” (Sra. Doçura, p.09)

A narrativa exposta está relacionada com a igualdade entre as gerações, visto que o (a) velho (a), com sua experiência e sabedoria de vida, é sujeito capaz de interagir com as gerações mais novas, no sentido de “passar o bastão” para as outras gerações, pois o jovem, poderá usufruir desses conhecimentos para obter “uma vida melhor vivida”, saber separar o que se julga bom ou ruim para a vida dos indivíduos mais jovens em todos os aspectos, bio-psico e social.

INTERGERACIONALIDADE

“O meu neto, é como meu filho, que eu digo né! - É meu companheiro, é amigo sempre, um rico dum guri, ele nunca incomodô os pai dele, nem eu!” (Sr. Deoclides, p.16).

A referida exposição do Sr. Deoclides, na relação avô-neto, é, segundo ele, uma relação para além dos laços sangüíneos, baseada no convívio mútuo, coeso, das particularidades intra-familiar, caracterizadas num ambiente de afeto e respeito.

“Tenho orgulho do monte de filhos que eu tenho, vários netos e bisnetos! – Então, isso aí também, eles vão aprender muitas coisa que os idosos, os velho como dizem [...]”. (Sra. Doçura, p. 09)

A relação intergeracional já alcançou 4 (quatro) gerações na família da Sr^a. Doçura, e este fato, na modernidade, é uma raridade enquanto longevidade, e, como troca de experiências entre gerações, destacando os ensinamentos dos (das) mais velhos (as), aos mais jovens.

O VELHO COMO PROVIDOR

Nossa sociedade, como outras do ocidente, dá pouca importância, ou nenhuma, aos (as) aposentados (as). Já não são mais úteis para a sociedade e para o Estado, pois já não estão mais na chamada *idade produtiva*. Na verdade, em muitos casos somente *dão despesas*, são um *incômodo*, um ser inútil. Cabe ressaltar que, na atualidade, de acordo com a situação político-econômica, o (a) velho (a) é provedor (a) também dos (as) filhos (as) e netos (as). Os (as) velhos (as) aposentados (as) já cumpriram seu papel para com a sociedade e o Estado. Frente a essa visão economicista a respeito do (a) velho (a) cabe assinalar que, em outra visão, os (as) velhos (as) são considerados enquanto seres que poderiam desfrutar de uma aposentadoria, acompanhada de um envelhecimento digno. Aposentadoria é sinônimo de *liberdade* para os (as) velhos (as). Todos têm direito de usufruir seu tempo livre, nessa fase da vida. E, é nessa fase que muitos (as) velhos(as) encontram-se mais felizes, com saúde, qualidade de vida, etc, *livres e independentes* para realizarem tarefas, sonhos, ideais, que, enquanto trabalhadores(as), não obtinham, por ter de exercer sua jornada de trabalho que, por sua vez, pode chegar à dupla ou tripla jornada de trabalho!

“Idoso é pessoa como outra qualquer, que passou o tempo, que tá passando o tempo, que enfim, já está aposentado, já tem um pouco mais de liberdade em seu tempo, né! – Não depende, assim, do controle de patrão! – Eu calculo, eu imagino isso, né! – Então, eu acho que seja por aí, né!” (Sra. Therezinha, p.20).

“Eu casei com um homem que eu amei e fui apaixonada! – Tive oito filhos com ele cheia de amor, porque os filhos são lindos, porque puxou ao pai, que era lindo mesmo! – E quanto à vida, não foi muito fácil! – Foi um pouco difícil! – Fora às vezes desempregado, ele se colocou, foi jogador de futebol, pescador, caçador! – Mas tudo isso pra mim, o amor era mais forte [...]”.(Sra. Claudete, p.02)

No modelo tradicional de família, o papel do homem era o de provedor, mesmo afetando o sustento da própria família, o homem, a comunidade e a sociedade, sucumbiam à mulher ao estrito espaço privado de seus lares.

5. A CONDIÇÃO DE SUJEITO ÀS DETERMINAÇÕES SOCIAIS

As narrativas expõem determinações sociais às quais os sujeitos estão submetidos. Classe social, gênero, cultura, linguagem, aparecem claramente nos relatos, tal como o seguinte:

“Olha, a maioria é idosas. O homem idoso ele fica mais retraído em casa, a maioria ainda é meio retraído, meio envergonhado de participar. A gente faz de tudo pra trazer eles. A gente convida e tá sempre procurando trazer o homem pra vim junto. A mulher sai mais, participa mais. Existem grupos de Terceira Idade que é capaz de não ter nenhum homem, infelizmente. Se tu for num baile de Terceira Idade, tu vai ver que tem mais mulher do que homem.” (Sr. Plínio, p. 04).

A discussão de gênero, como já exemplificamos neste trabalho com os relatos coletados, remete às questões de cultura e tradição, que persistem na atualidade. O presidente do grupo Cabelos de Prata, o Sr. Plínio, no relato acima, assinala que, o ato de participar, cabe mais às velhas do que aos velhos, como determinante social, ou seja, a sociedade ditou regras culturais diferentes ao gênero masculino e, ao feminino, o qual se tornou modelo de referência a ser seguido. Assim, se constatou que as apresentações em meio ao espaço público, como as atividades de dança, teatro, dentre outras, ainda é um fator relevante na questão de gênero entre velhos.

6. A CONDIÇÃO DE SUJEITO DE EXPERIÊNCIA

AUTO-ESTIMA

A valorização da auto-estima pelo (a) velho (a), é importante porque parte do próprio ser para o mundo exterior. A auto-estima para a Sra. Doçura é trabalhada cotidianamente. É o que a impulsiona na busca constante por qualidade de vida. Nesse sentido, manter a auto-estima, afasta velhos (as) de doenças emocionais, espirituais, como se pode analisar no relato a seguir:

“Eu acho que o único que te valoriza é o espírito que enxerga, né?
 – Eu, por exemplo vô no espelho, vô no banho, e saio do banho...
 não me acho muito legal! – Mais botei a minha ropa e boto meu
 salto, me ajeito e vô prum baile, eu sô apaixonada por aquela
 mulher que se arruma três horas ou cinco horas da tarde, quando
 ela sai! – Eu sô apaixonada por aquela mulher! – Porque de dia,
 ela é empregada da casa, mais fora de dentro de casa, que se
 arruma, ela é a rainha, ela é uma mulher que não tem oitenta anos!
 – Ela vai completá, mais ainda não tem oitenta!” (D. Doçura, p.12).

O trabalho de grupo recuperou a altivez e o senso de participação e auto-estima tanto na vida privada, quanto nos espaços públicos, como afirma o relato oral da Sr^a. Therezinha:

“[...] eu trabalhava ainda, era funcionária pública, adoeci, entrei em depressão... fiquei dois anos de laudo! – Aí, foi... acabaram me aposentando, o INSS me aposentô, porque não tinha condições de eu voltá ao trabalho! – Aí, fiquei mais deprimida ainda! – Mas... tantas e tantas outras coisas aconteceram aí, né! – Mas com a ajuda de uma cunhada... ela me carregô prum Grupo de Terceira Idade!”. “[...] me tornei assim... uma pessoa bem ativa dentro do grupo, né! – E fui gostando, e fui ficando! – Aí, logo no início, houve um concurso de Terceira Idade que, ao qual, eu nunca havia participado e muito menos, ouvido falá!”. “[...] e, na Terceira Idade... como idosa, né, eu participei de um concurso e saí em segundo lugar! – Só não tirei o primeiro, porque... por detalhes, justamente por eu não ter experiência de... de palco, de passarela, né!”. “[...] e botô mais pra cima ainda, me deixô feliz da vida! – Também, sô modelo, ainda! – Principalmente, modelo fotográfico! – Tiro fotos, faço propagandas [...]” (Sra. Therezinha, p.21).

Como é sabido, a depressão é uma das doenças que atingem com maior incidência, a faixa-etária de velhos (as). Há vários motivos (bio-psico-sociais) que podem levar essa população à depressão. Especificamente, no caso da Sra. Therezinha, a depressão pode ter iniciado seu processo, já na infância, pelo que se observou em sua história oral de vida, e, na Terceira Idade, a depressão, veio à tona, por motivos emocionais, diretamente relacionados com a sua vida familiar, sendo que, este fato¹¹ desestruturou a dinâmica familiar, provocando um (des) arranjo-familiar, bem como acarretando problemas na vida profissional, social e emocional da Sr^a. Therezinha. Na tentativa de se desvencilhar dos problemas vividos, a participação no grupo de

¹¹ O fato relatado oralmente pela depoente, não foi permitido o registro pelo recurso do gravador. Porém, obteve-se o consentimento da entrevistada para a entrevistadora registrar, neste trabalho, que o fator desencadeante da depressão e, conseqüentemente, a perda da auto-estima da Sra. Therezinha, foi a traição conjugal por parte de seu esposo.

Terceira Idade trouxe-lhe novamente a vontade de viver, a sua auto-estima recuperada.

AUTONOMIA

A Sr^a. Claudete declara abaixo que, somente após a viuvez, surgiu o poder de autonomia na Terceira Idade, assim como, para tantas velhas, na atualidade, advindas do modelo tradicional familiar. Desse modo, educada na cultura da obediência ao marido, segundo seu depoimento, relatou a submissão ao esposo, cabendo-lhe somente o cuidado do lar e dos filhos. Logo, não teve voz, nem vez. Como conta, a própria autonomia enquanto cidadã e seu livre-arbítrio estão sendo concretizados na velhice:

“[...] eu casei muito cedo, muito nova. O meu sonho era fazer uma faculdade, mais naquele tempo, marido é quem mandava então ele nunca deixou. Não queria achava que a esposa tinha que ficar em casa cuidando dos filhos. Como a gente era obediente, eu também nunca me impus e não fiz o que eu queria fazer. Mas agora, depois de uma certa idade, que eu fiquei sozinha só com meus filhos, surgiu a oportunidade da Terceira Idade na Universidade, aí então, me deu o estalo. Está aí o meu sonho de concretiza o sonho que eu tinha quando nova”. (Sra.Claudete, p.02)

Relato da Sr^a. Therezinha:

“[...] eu sô aposentada, tenho o meu ganho! - Então, não dependo da renda do marido, então, eu tenho autonomia total!”. (D. Therezinha, p.23)

Autonomia total é o que expõe a Sr. Therezinha. Há de se considerar que a independência financeira provém dos frutos do próprio trabalho, colhidos na aposentadoria. Dessa maneira, através de seu poder aquisitivo, a Sr^a.Therezinha não depende da renda do marido. Portanto, para Therezinha, ser mulher, velha e aposentada mostra-nos vivência dela enquanto pessoa que usufrui de sua autonomia.

“Eu que mando, eu que pago, eu que escolho, eu que viajo, eu não peço permissão pra filho nenhum! – E, enquanto eu tive, com a minha cabeça no lugar, jamais vô deixá eles me mandarem! – A não ser quê: apareça uma doença, e que eu não tenha condições! – Mais por enquanto tô nas porta dos oitenta anos tô decidida quero fazê uma festa, os filhos tão todos de acordo, eu que pago, se eles quisé me ajuda, tudo bem, mais senão, eu pago porque

além de ter a minha pensão, eu vendo Avon, eu faço tricô, eu faço crochê, eu faço bordado e vendo!” (D. Doçura, p.10).

O relato acima, descrito pela Sr^a. Doçura, expõe o seu poder de autonomia, de escolha, de decisão na própria vida privada e social, sem perder vínculos afetivos com a família, mas deixa claro que é um ser autônomo e independente.

Relato do Sr. Deoclides:

“Tenho a minha autonomia! – Até hoje, eu controlo meus gastos, tudo por administração minha. Controlo minhas contas. – Eu tenho a minha aposentadoria da Universidade e as minhas economia, me sustento sozinho. – A minha casa, eu já terminei de pagá, e tudo essas reforma, os aumento da casa, fui eu que construí!”. (Sr. Deoclides, p.16)

“[...] então, quanto o poder meu... a minha autonomia continual (Sra. Doçura, p.10).

“Eu que mando, eu que pago, eu que escolho, eu que viajo, eu não peço permissão pra filho nenhum! – E, enquanto eu tive, com a minha cabeça no lugar, jamais vô deixá eles me mandarem! – A não ser quê: apareça uma doença, e que eu não tenha condições! – Mais por enquanto tô nas porta dos oitenta anos tô decidida quero fazê uma festa, os filho tão todos de acordo, eu que pago, se eles quisé me ajuda, tudo bem, mais senão, eu pago porque além de ter a minha pensão, eu vendo Avon, eu faço tricô, eu faço crochê, eu faço bordado e vendo!” (D. Doçura, p.10).

O caso acima da Sr^a. Doçura, relatado à pesquisadora, expõe o seu poder de autonomia, de escolha, de decisão na sua vida privada e social, sem perder os vínculos afetivos com a família, mas deixa claro que é um ser autônomo em sua plenitude.

LIBERDADE

“Sou mãe de oito filhos. - Tenho dezessete netos, três bisnetos, mas sou livre, que nem um passarinho! (Sra. Doçura, p.07).

“Que de primeiro, era só marido, os filhos, o lar e nada mais! – De repente ganhei uma liberdade sem querer, que afinal das contas, não era assassina, ladra, mais tive essa liberdade! – Então fui conhecendo pessoas e fui descobrindo e fui indo! – Descobri os clubes, os grupos, os bailes, e fui indo [...]” (Sra. Doçura, p.09).

“Porque eu faço o que eu quero! – Eu pago, eu dô, eu empresto, eu faço tudo o que eu bem entendo! – Obrigado meu Senhor por

essa liberdade que eu tenho! – Tenho muito medo de perder [...]” (Sra. Doçura, p.13).

“Essa liberdade aí, que a gente conseguiu! - Acho que aos poucos o próprio idoso foi conseguindo isso aí, né! – Então, a gente é mais respeitado! – Embora falta muita coisa, como já disse antes, mais eu acho que o idoso hoje... é diferente! (Sra. Therezinha, p.23).

RESPONSABILIDADE

“Mais eu... prefiro já, um grupo formal, porque esse grupo... não é tanta responsabilidade! – O grupo formal, a responsabilidade é muito grande! – Então, eu acho que isso aí vai me prejudicá, porque eu sô eu uma pessoa muito responsável, né!” (Sra. Doçura, p.09).

FELICIDADE

“Porque me faz feliz! – Ninguém me faz feliz, a não ser, eu mesma! – Essa que eu acho que é a mudança do idoso [...]” (Sra. Doçura, p.12).

“Dia vinte de abril faço oitenta anos com muita saúde, muita energia, vontade de viver! – É um prazer! – Eu tô sendo tão feliz nessa idade! – Quando eu era mais nova, eu não tinha a felicidade que eu estou tendo agora!” (Sra. Doçura, p.07).

O significado do envelhecer, com 80 anos ou mais, para a Sra. Doçura, vêm acompanhado de palavras como: mudança, saúde, energia, vontade de viver; prazer, e, principalmente, *felicidade*.

REFLEXIVIDADE

Ao colocarmos como constituintes da condição de sujeito de experiência questões como auto-estima, liberdade, autonomia, responsabilidade, felicidade, de acordo com as expressões dos (as) entrevistados (as), fica claro que tais categorias surgem de sua reflexividade, ou seja, de suas reflexões sobre a própria vida e condição, sobre as circunstâncias históricas e sociais a partir das quais transcorre sua existência. Contudo, não é possível afirmar que tal reflexividade se estenda para além de suas circunstâncias. Elas (as circunstâncias) não os mostram como sujeitos políticos, suas reflexões não se mostram suficientes para entender que há, nelas, uma crítica da modernidade,

ou, pelo menos, uma crítica ao modo intelectual, a tal modernidade. No entanto, a seu modo, tal crítica existe, se soubermos ler atentamente suas expressões. Elas estão presentes na apreciação que os sujeitos fazem do preconceito, da discriminação, da violência exercida sobre eles, da valorização do respeito e da solidariedade, da importância da dignidade para a vida, e em inúmeras outras expressões até, por exemplo, relativas ao meio ambiente:

“O idoso tá saindo mais... tá freqüentando mais a sociedade! – Eu acho assim... que a vida, pro idoso melhorô... eu acho que, uns setenta, oitenta por cento, melhorô bastante, nessa parte assim, social, do respeito, na... da vida, né, da saúde, ele tá se cuidando, ele tá se tratando melhor! – Ele tem, assim, mais o respeito da família [...]”. (Sra. Therezinha, p.24)

“eu gosto muito da natureza, né! – De tá assim, num lugar... distante, onde só escute os passarinhos, o galo cantá... isso aí, é muito bom, sabe! – É uma vida, né! – É uma coisa assim, inexplicável, é a natureza, né! – Porque muitas vezes, tu... corta uma árvore, como já aconteceu lá em casa e cortarem... eu, não, porque eu não corto! – De cortarem uma árvore, e agora, já fazia um ano que ela táva cortada e ela voltô numa brotação lindíssima! – Então... o que que eu digo... isso aí é a natureza! – É a mão de Deus que tá aí, né! – É a vida! – É um... é um ciclo que... que continua, que não termina... que vai! – Hoje é eu, amanhã é meus filhos! – Ela vai indo! – E a vida e a natureza o mundo tá aí, sabe! [...]” (Sra. Therezinha, p.24)

“Eu acho que a mudança, em primeiro lugar é assim... é assumi a sua idade! – E fazê tudo o que vem na cabeça de melhor! – Se tem condições de sê um artista que seja... se tem que ir num clube como é o meu fraco que é o meu remédio, que é o samba, por que ter vergonha de ir no meio do salão dançá e rebolá? (Sra. Doçura, p.12).

6. CONCLUSÕES

A situação dos grupos de velhos (as) de Santa Maria/RS, pertencentes à zona central, possui um diferencial social, em relação aos domiciliados em bairros e vilas. Sobre este prisma, há de ser considerado o descontentamento da maioria dos grupos urbanos pesquisados, ou melhor, dos grupos pertencentes à periferia do município, com relação às diversidades enfrentadas no mundo moderno que acabam por interferir e modificar a dinâmica do grupo familiar, comunitário e suas relações com as instituições do Estado.

Para tanto, não mais se cultua a prática de entrevistas, via meios de comunicação, por canais de televisão, rádios, jornais, dentre outros, dos líderes comunitários à população.

Em termos de considerações finais, cabe lembrar que a pesquisa teve como *objeto* a velhice e o envelhecimento e como *objetivos*: “investigar o papel/status do (a) velho (a) na vida privada, na atualidade; averiguar como se dão as relações de intergeracionalidade na família do (a) velho (a); identificar o papel do (a) velho (a) no espaço público e, finalmente, investigar de que modo o (a) velho (a) assume a sua condição de sujeito.”.

O trabalho baseou-se, metodologicamente, em pesquisa de cunho qualitativo, a partir de um levantamento inicial de informações. Em um segundo momento, foram efetuadas entrevistas e coletados relatos de história oral de vida, realizadas em visitas ao domicílio dos (as) velhos (as), moradores no município de Santa Maria /RS.

Assim, durante o *mapeamento* inicial, seguindo os *objetivos* deste trabalho, houve a exploração do campo de pesquisa através de entrevistas em instituições de apoio, referência e proteção aos (as) velhos (as), o COMID (Conselho Municipal do Idoso), Delegacia de Proteção ao Idoso; às *associações de representantes comunitários, bem como aos demais Grupos de Convivência para a Terceira Idade.*

A partir dos resultados coletados e analisados acerca do envelhecimento e velhice, no município de Santa Maria/RS, proponho as seguintes considerações:

Ainda na fase exploratória do mapeamento¹², há de ser assinalado nestas conclusões, a partir do relato de alguns integrantes de grupos e comunidades urbanas, o descontentamento de seus membros, com relação às discrepâncias, no que diz respeito ao enfrentamento das vulnerabilidades por eles vivenciadas em seu cotidiano, advindas da *falta de estrutura* nos espaços públicos, e, ainda, falta de mais *lideranças* comprometidas com o acontecer do cotidiano dos velhos (as); isso tudo acentuado pelo agravante de falta de *verbas e fundos de assistência* do poder público (municipal, estadual e federal).

Concomitantemente, faz-se necessário destacar, que, nesta mesma fase do trabalho, constatou-se que, quando a pesquisadora se referia especificamente aos *canais e espaços de sociabilidade* freqüentados atualmente por velhos(as), os entrevistados respondiam: “- Que espaço? – Não tem espaço!” Tratando-se de *canais de participação*, esta população limitou-se a responder a partir do entendimento de que *espaços de sociabilidade* para a Terceira Idade baseia-se na concepção de locais construídos com sede própria pelo poder público. Constatou-se que os mesmos não têm consciência do *poder* que, eventualmente, poderiam ter os *espaços de sociabilidade por eles mesmos criados*, em comparação com outros espaços já formalizados.

Das informações levantadas, cabe assinalar alguns aspectos problemáticos relatados por vários entrevistados: abandono do (a) velho (a) por parte da família, falta de maior apoio da sociedade civil; dependência familiar do (a) velho (a); falta de autonomia do (a) velho (a); medo a represálias da própria família; constrangimento em tornar público os maus-tratos; baixa auto-estima, solidão; doenças geriátricas e, atualmente, considerada de cunho *social*, a *depressão*¹³; preconceito; não-aceitação do (a) velho (a) em espaços públicos freqüentados por outras faixas etárias, dentre outras.

Pelos dados coletados na Delegacia de Proteção ao (a) velho (a), foi constatado que apenas uma parcela das famílias exerce uma cultura, baseada no respeito mútuo, levando em consideração os direitos de seus pais e avós:

¹² Os diálogos que ocorreram especificamente com estes (as) *velhos (as)* e *lideranças comunitárias* foram por eles (as) narrados à pesquisadora, porém, não foi permitido o uso de gravador. Assim, a coleta de dados, baseou-se em registros dos diálogos com base na memória da pesquisadora.

¹³ Os maiores índices da doença detectados por pesquisas atuais ocorrem na Terceira Idade.

estes (as) velhos (as) exercem o *poder da autonomia* de suas vidas. Dirigem veículos, realizam viagens, tomam suas próprias decisões, isto é, escolhem o seu modo de vida, sem a interferência dos membros familiares, o que resulta no próprio planejamento do seu presente e futuro.

Por outro lado, a população de velhos (as) entrevistados (as) dos grupos de convivência institucionalizados apontaram uma maior *conscientização* do *que é ser velho (a)* na atualidade, em relação aos não institucionalizados.

Em relação à intergeracionalidade, para além do *choque de gerações*, também a categoria *preconceito* mostrou-se relevante. De acordo com a realidade pesquisada, os pré-conceitos formados podem partir do (a) próprio (a) velho (a), com relação às gerações mais novas e vice-versa.

Com isso, a sociabilidade se dá com maior frequência na relação dos (as) velhos (as) entre si. *Sociabilidade e convivência* entre gerações, continuam como obstáculo a ser superado nas relações com o outro e com a sociedade. Desse modo, através do canal dos grupos institucionalizados, os velhos disseram encontrar *o seu espaço* enquanto protagonistas de suas próprias vidas.

Durante os primeiros contatos e nos diálogos e entrevistas com a população em estudo, notou-se a necessidade da conversação, da troca de idéias, conhecimento e sabedoria de vida, de maiores espaços e oportunidades, bem como canais de comunicação e aproximação com a sociedade.

Quanto à discussão sobre *qualidade de vida* na Terceira Idade, foi detectado, para além dos demais aspectos relatados, a *saúde* como fator essencial para a obtenção de qualidade de vida e longevidade. Relataram que recebem maior assistência, por parte da Universidade Federal de Santa Maria, em relação às demais instituições locais. Os (as) entrevistados (as) deram grande importância à colaboração do NIEATI/CEFD (Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade) do Curso de Educação Física da UFSM e profissionais da área do Direito (plantão jurídico no grupo Cabelos de Prata). Pelo fato dessas ações estarem restritas à atividade física, expuseram também a necessidade do trabalho da Psicologia e do Serviço Social a respeito de seus problemas e do desenvolvimento de suas atividades. A ação de psicólogos e

assistentes sociais é vista como um fator importante na estruturação de qualidade de vida, por parte dos (as) velhos (as).

A projeção da memória, ao mesmo tempo em que contempla o passado, está intimamente vinculada ao futuro, e ao presente: os (as) velhos (as) expõem que se preocupam com o presente, mas também planejam um futuro, baseado no desejo de alcançar a longevidade, entrelaçada com a qualidade de vida de seu cotidiano.

No tocante à solidão e à viuvez, na terceira idade, observaram-se velhos (as) expressando seu desejo de permanecerem morando só em seus domicílios, pela constante presença da memória de seus (suas) parceiros (as); ou por sentirem *medo* de perder sua *liberdade*. Outros relataram que já mantiveram ou mantêm vínculos afetivos com seus/suas parceiros (as), porém, preferem morar em domicílios separados. Enfim, na atualidade, percebe-se que o conceito de *modelo tradicional de família* remodelou-se, e os novos arranjos familiares assumem uma maior escala de crescimento.

A conjugação do verbo residir para os (as) velhos (as), ora co-habitando juntamente ou próximo aos filhos (as) e netos (as), ora com novos (as) companheiros (as), foram relatos compartilhados por muitos sujeitos que se conhecem nas atividades de *sociabilidade e lazer*, principalmente nos famosos *Bailes da Terceira Idade* e daí resulta um (a) companheiro (a) para um novo arranjo familiar.

Em suma, por mais óbvio que pareça, a família, a sociedade civil e demais instituições que a compõem devem re-pensar o tratamento para com seus (suas) velhos (as), haja vista que *todos os seres envelhecem*.

Para além dessa constatação, que é de domínio público, a pesquisa pôs de manifesto que os velhos que freqüentam os grupos institucionalizados e os que não o fazem têm olhares diferentes sobre a velhice. O velho que freqüenta tais grupos tem maior autoconsciência e reflexividade, está disposto a participar de atividades sejam ou não de lazer, mas sempre levando em consideração que isso representa um acréscimo de qualidade de vida, de liberdade e autonomia e de felicidade. Os velhos que não freqüentam grupos institucionalizados, principalmente os que residem na periferia, não propõem, nas suas expressões, considerações sobre qualidade de vida e outros temas que estão presentes nos grupos. O principal assunto é “passar o tempo”. No

entanto, eles têm algumas preocupações a respeito de políticas públicas, políticas de atendimento, verbas públicas. Saem pouco, participam de poucos espaços de sociabilidade e, neles (calçadão, por exemplo), a conversa fica reduzida a poucos assuntos. O contraste entre ambos os tipos de sociabilidade é patente.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELAR, Rute. **O lugar da avó.** Recife: Fundação Antônio dos Santos Abrantes – FASA, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1997.
- BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto: avós filhos e netos na família brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1987.
- _____ (org.). **Família e gerações.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 16. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BRASIL. **Constituição da República Federal do Brasil.** Brasília: Edição da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1988.
- COSTA, Sergio, Héctor Ricardo Leis. (orgs.). **Modernidade crítica e Modernidade Acrítica.** Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- DEBERT, Grin Guita. **As representações (estereotipias) do papel do (a) velho (a) na sociedade atual.** (polígrafo), Porto Alegre/RS, 1998.
- DIAS, José Francisco. **Os Novos Tempos da Velhice: reflexões, críticas e propostas.** Santa Maria/RS: O Autor, 2004.
- DURKHEIM É. **As regras do método sociológico.** 17 ed. São Paulo: Nacional, 2002.
- EIZIRIK, C. L. & KAPAZINSKI, F. (orgs.). **O Ciclo da vida humana: Uma perspectiva psicodinâmica.** Porto Alegre/RS: Artmed, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- GOVERNO DO ESTADO DE RIO GRANDE DO SUL. **Os idosos do Rio Grande do Sul: estudo multidimensional de suas condições de vida.** Porto Alegre: CEI, 1997.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4 ed. Rio de Janeiro, RJ: EDITORA PAZ E TERRA S/A, 1972.
- JOLL, James. **As idéias de Gramsci**. São Paulo, Cultrix Ltda, 1977.
- LOPES, José R. **Anthropsys: relações teórico-práticas entre a psicologia e a antropologia**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.
- LÜDKE M.: ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro, Ed. Papagaio, 1989.
- MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni. 2002. **Famílias de baixa renda na periferia do município de São Paulo: questões para os serviços de saúde**. Serviço Social & Sociedade. Ano XXIII n. 71, p. 181-189, set. São Paulo: Cortez.
- MARTÍNEZ, Miguélez Miguel. **El Método Etnográfico de Investigación**. <http://prof.usb.ve/miguelm/metodoetnografico.html>, acesso em 07/11/2006.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosófico**. Os pensadores. 4ªed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- LENOIR, Remi, MERLLIÉ, Dominique. [et.al.]. **Iniciação à prática sociológica**; tradução de Guilherme João de Freitas. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- LOAS. **Lei Orgânica de Assistência Social** – Brasília: MPAS, 1997.
- MEZAN, Renato (1997) “Subjetividades contemporâneas?” in: **Subjetividades contemporâneas**. No. 1. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, p. 12-17.
- MINAYO, C. M. Souza de. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MOREIRA, D. Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.
- NERI, L. Anita. **Envelhecendo num país de velhos: significados de velho e velhice segundo brasileiros não (a) velhos (a)s**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

- ____, L. A., DEBERT G.G. (orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- ____, L. A. & FREIRE, S. A. (orgs.). **E por falar em boa velhice**. São Paulo: Papyrus, 2000.
- ____, L. A. (org.). **Desenvolvimento e Envelhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- ____, L. A. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2001.
- NETTO, Mateus Papalvo. **Gerontologia**. São Paulo/SP. Ateneu: 2005.
- PASCIAL, P. M. S. Neto, M. P. Epidemiologia do Envelhecimento. In: **Gerontologia**. São Paulo/SP. Atheneu, p. 03-11, 1996.
- PY, Lígia. [et. al.]. **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.
- RICHARSON, Roberto Jarry. [et. al.]. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SALTALAMACCHIA, Homero R. **La História de Vida**. 1ª ed. Ed. CIJUP, 1992.
- SILVA, Ademir Alves de. **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. Relatório Nacional de Acompanhamento. Setembro/2004, p.10, Presidência da República, Governo do Brasil.
- SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- SIMSON, Olga de Moraes Von (org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988. Enciclopédia aberta de ciências sociais; v.5
- THOMPSON Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- UFSM (CEFD-NIEATI). Caderno ADULTO, ed. Nº 07 – 2003.
- UFSM (CEFD-NIEATI). Caderno ADULTO, ed. Nº 11 – 2007.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- VIEIRA, Eliane Brandão. Manual de Gerontologia. **Um Guia Teórico-Prático para Profissionais, Cuidadores e Familiares**. Ed. Revinte. Rio de Janeiro - RJ. 1996.

WIRTH, Louis. (org.). VELHO G. Otávio. O Fenômeno Urbano. **O Urbanismo como Modo de Vida**. 4ª ed. ZAHAR EDITORES. Rio de Janeiro, 1979.

www.adsantamaria.org.br - site disponível em 29/02/08

www.tse.gov.br - site disponível em 03/09/07

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)